



FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

Área de Literaturas, Artes e Culturas

A dimensão mediática da cultura lusófona no estudo universitário de português na China: Análise de um caso concreto.

**Mestrado em Língua e Cultura Portuguesa (Língua Estrangeira /
Língua Segunda)**

Manuel Duarte João Pires

Julho de 2014



FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

A dimensão mediática da cultura lusófona no estudo universitário de português na China: Análise de um caso concreto.

Manuel Duarte João Pires

Dissertação para a obtenção do grau de mestre em Língua e Cultura
Portuguesa Língua Estrangeira / Língua Segunda)
sob a orientação da Professora Doutora Inocência dos Santos Mata.

Lisboa, Julho de 2014

Dedicatória

À Professora Doutora Inocência Mata por tudo, principalmente pela forma zelosa com que me apoiou e pela constante disponibilidade para me ajudar a conquistar este anseio há muito perseguido. O meu eterno agradecimento.

À minha mulher e à minha filha, por serem a fonte onde procuro e bebo inspiração.

Aos meus pais, por sempre percorrerem comigo os caminhos que aqui me trouxeram.

Aos alunos de Português da Universidade de Sun Yat-sen, pela dedicação e por tanto que aprendo com eles.

À língua portuguesa, valor maior da minha cultura, pela sua riqueza e alcance e pela capacidade de me seduzir dia após dia.

*“Sou caipira, Pirapora, Nossa
Senhora de Aparecida
Ilumina a mina escura e funda
O trem da minha vida”*

Excerto de “Romaria”, música popular brasileira
(de João Mineiro e Marciano).

Resumo

A presente dissertação centra-se no contacto que os estudantes universitários chineses estabelecem com os *media* para aprofundar os seus conhecimentos culturais (e linguísticos) sobre o mundo lusófono. A análise dos contornos desta dimensão mediática tem por base um inquérito efectuado aos alunos de Português da Universidade de Sun Yat-sen, situada na província de Cantão. Por outro lado, a título de contextualização, esta dissertação presta-se também a perscrutar o conjunto de factores que têm contribuído para o estreitar de relações entre a China e os países lusófonos e para a decorrente procura da língua portuguesa neste país asiático, em particular no meio universitário.

Palavras-chave: China, mundo lusófono, português, valor económico-social, Universidade de Sun Yat-sen, inquéritos, motivação, cultura e mediatismo, diversidade.

Abstract

This work focuses on the contact that chinese undergraduate students have with the media to deepen their cultural (and linguistic) knowledge about the Portuguese-speaking world. The analysis of the media impact in the study of Portuguese in China is based on a survey completed by the students of Portuguese from Sun Yat-sen University, located in Guangdong province. Moreover, to place in context, this work also lends itself to peer into the set of factors that contribute to the strengthening of relations between China and the Portuguese-speaking countries and the resulting demand for Portuguese language in this Asian country, particularly among universities.

Keywords: China, Portuguese-speaking world, Portuguese, socio-economic value, Sun Yat-sen University, surveys, motivation, culture and media, diversity.

ÍNDICE

Introdução	7
Demarcação teórico-metodológica.....	8

Parte I

1. A matéria-prima sino-lusófona

1.1. A China e os países da CPLP.....	10
1.2. O português na “crista da onda”.....	19
1.3. O português no ensino universitário chinês: ponto da situação.....	22
1.4. O caso concreto da Universidade de Sun Yat-sen.....	25

Parte II

2. Inquérito aos estudantes de português

2.1. Suporte teórico do inquérito.....	28
2.2. Inquérito por questionário aos estudantes da SYSU.....	31

3. Leituras e Inferências dos inquéritos

3.1. Nota Preambular.....	38
3.2. Leituras dos Inquéritos.....	39
3.3. Inferências.....	58

4. Encontros mediáticos de culturas

Lusofonia na <i>China.com</i>	62
-------------------------------------	----

Conclusão	67
------------------------	----

Bibliografia	70
---------------------------	----

Anexo	74
--------------------	----

INTRODUÇÃO

A premissa que faz com que esta dissertação tome o caminho da análise da dimensão mediática da cultura lusófona nos estudantes chineses e se debruce sobre este tema em particular nasce de um conjunto de circunstâncias e de uma pergunta recorrente. Para desenlear este novelo de motivos, começo por dizer que o presente estudo começa por se dever à vigente procura do ensino do português por parte das universidades chinesas, que por sua vez decorre das enérgicas e significativas relações entre este país asiático e alguns dos mais influentes países do espaço lusófono. Todo este contexto ou conjuntura, como agora muito se diz especialmente quando se fala de economia, terá pesado na intenção de a Universidade de Sun Yat-sen contratar um leitor de português para que a instituição pudesse proporcionar aos seus alunos a possibilidade de estudar a língua portuguesa e a cultura que lhe é adjacente. Para esse efeito, esta instituição académica situada no Sul da China, na província de Cantão, estabeleceu um protocolo com a Universidade de Lisboa que por sua vez abriu concurso para candidatos ao cargo referido. Depois de todas as formalidades e trâmites burocráticos, iniciei funções em Setembro para o ano académico de 2012/2013. Aqui chegado e superadas as circunstâncias iniciais, assomou-me à mente com alguma inquietude uma interrogação que por norma não é incomum aos professores de Português Língua Estrangeira, sobretudo aos que mais longe se encontram dos países lusófonos. Uma questão que no fundo são duas interligadas. Quais as motivações que levam estes jovens estudantes chineses a procurar aprender uma língua tão distante linguística e geograficamente da sua e, sobretudo, de que forma nutrem e desenvolvem o contacto com a cultura lusófona fora da sala de aula?

A resposta à primeira parte da pergunta assume uma extensão que pode ser mais casual, mas é igualmente pertinente e interessante de ser analisada na perspetiva da alteridade e na procura de analisar os factores que estão na base do que impele alguém que provém de um contexto cultural significativamente diferente a estudar a língua portuguesa. Embora me aproxime deste primeiro ponto como adiante exporei acerca da demarcação teórica da dissertação, pretendo focar a minha investigação essencialmente no que se refere à segunda parte da referida questão, a influência mediática, quais os meios de comunicação utilizados como canais para o contacto intercultural e que conteúdos dispõem ou não essas plataformas mediáticas para avivar os conhecimentos e interesses culturais dos estudantes. Numa era intensamente mediatizada, em que as novas tecnologias têm um papel preponderante na forma como comunicamos e vemos o

mundo proponho-me a estudar a relação entre os meios de comunicação e o acesso à cultura lusófona por parte dos jovens estudantes, com o intuito de medir a presença da língua portuguesa nos meios de comunicação social chineses e a interação dos jovens com a oferta que têm à sua disposição. A abordagem desta problemática reveste-se de particular importância para professores e alunos, porquanto os estudantes não estão num país onde a língua é falada e o que têm ao dispor em termos de novas tecnologias representa muitas vezes o único contacto com a mesma fora da sala de aula. Numa época em que a China se assume cada vez mais como uma potência incontornável a vários níveis e em que estreita relações também com países da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), há vários aspetos destas ligações sino-lusófonas, para além dos económicos, que não estão ainda devidamente estudados ou aprofundados. O estudo a que me proponho pretende revelar particular importância para o meio académico, concretamente no ensino e aprendizagem do português, na medida em que investigarei a interação de algumas dezenas de estudantes com a língua portuguesa e a sua cultura, mas logrará constituir também uma análise útil para outros setores da sociedade uma vez que ao incidir no plano mediático e nos canais por onde é transportada a língua portuguesa, examinarei um espaço até aqui quicá menos discutido que poderá ajudar pessoas ou entidades interessadas em dar-se a conhecer à China a ter uma noção de algumas ferramentas ao seu alcance para o fazer e qual o seu eventual impacto.

Esta dissertação fará também por ser mais um vínculo de contacto entre duas culturas distantes mas com bastantes elos ao longo das respetivas histórias, mostrando mais um caso de difusão e presença da língua portuguesa e dando a conhecer novas formas e meios por onde criar novos laços e pontes de aproximação, únicas vias para ajudar a desfazer a ignorância e os preconceitos, para o conhecimento e entendimento do outro e para a união e fraternidade entre culturas e povos.

Demarcação teórico-metodológica

A dissertação compor-se-á por duas partes temáticas fundamentais. A primeira em que procurarei aclarar os aspetos socioeconómicos que estão a montante do incremento do ensino e aprendizagem do português na China devido às relações entre este país asiático e grande parte dos países da CPLP. Em seguida contextualizarei a situação atual do ensino universitário de português na China através da distribuição de universidades, da análise de dados e números acerca de alunos e professores, do tipo de

curso e modelos de ensino, com base em alguns documentos estatísticos da embaixada de Portugal em Pequim, e equacionarei também todos estes tópicos para o caso particular da Universidade de Sun-yat Sen, objeto de estudo. Através da elaboração de um inquérito dirigido aos alunos que actualmente frequentam o segundo ano de Português tentarei perceber a dimensão do papel das novas tecnologias na relação que estes têm com o mundo lusófono, seguindo assim a pista da influência mediática na interacção dos estudantes com o espaço da lusofonia. O questionário constituirá assim o fulcro deste trabalho, o qual enquadrarei abordando alguns dos factores que actualmente mais unem a China e os países lusófonos. Para a análise destes assuntos basear-me-ei também, entre outros, em relatórios e informações de algumas fontes como a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, o Fórum Macau ou o Observatório da Língua Portuguesa, entre outras. A propósito de demarcação quero igualmente adiantar que não me focarei na Região Administrativa Especial de Macau, mas sim na China dita continental, uma vez que no referido território além de não haver quaisquer restrições no acesso a alguns meios de comunicação ocidentais, a língua portuguesa tem o estatuto de oficial pelo que as diferenças do peso do português e do modo como a língua e a cultura lusófona estão presentes na sociedade são incomensuravelmente diferentes do resto da China.

Consagrarei a segunda parte temática da dissertação a um “inquérito por questionário” efetuado a 32 estudantes da Universidade de Sun-yat Sen, pois considero ser este um meio mais prático e consistente para recolher, tratar e analisar a informação a que me proponho investigar. O questionário foi preenchido pelos estudantes no final do passado ano lectivo, altura em que os alunos finalizaram um ano de estudo do português. Começarei por esclarecer o tipo de questionário que pretendo realizar e a sua pertinência. Será de “tipo misto” com questões de “resposta aberta e fechada” e uma ou outra questão de resposta “semi-fechada”, em que na mesma questão poderão surgir “modalidades de resposta aberta e fechada”. Posteriormente examinarei os resultados e as variáveis que dele recolher e apresentarei as referentes conclusões.

Em termos de metodologia científica centrar-me-ei principalmente em três livros, *O Inquérito: Teoria e Prática*, de R. Ghiglione e R. Matalon, *Investigação por Questionário*, de HILL, M. & HILL A., e principalmente *Como Fazer Investigação, Dissertações, Teses e Relatórios - Segundo Bolonha*, de Maria José Sousa e Cristina Sales Baptista, do qual retirei as expressões escritas entre aspas no parágrafo anterior.

PARTE I

1. A matéria-prima sino-lusófona

1.1. *A China e os países da CPLP*

Nos últimos tempos a ligação entre a China e os países da CPLP tem sido particularmente activa, principalmente devido às intensas relações económicas que estes países têm mantido. Frequentemente nos deparamos nos meios de comunicação social com notícias relativas a investimento chineses em diferentes áreas e diversos países da CPLP, trocas comerciais, encontros entre chefes de estado, apoios políticos e económicos, concessão de vistos especiais, entre muitos outros assuntos. Um dos factores que ajudou à dinamização destas relações foi a criação em 2003 do Fórum para a Cooperação Económica entre a China e os Países de Língua Portuguesa, correntemente conhecido como Fórum Macau e instituído nesta região administrativa especial chinesa pela sua história, tradição e características que sempre estiveram associadas à união e convivência entre a cultura ocidental de inspiração portuguesa e o Oriente representado pela China. A criação deste fórum veio fomentar a interacção entre governantes, a realização de reuniões periódicas e muitas outras iniciativas que permitem aproximar, agilizar e intensificar as relações entre a China e os países de língua portuguesa.

Face a esta interdependência entre os laços económicos e o interesse linguístico e cultural pelo mundo lusófono na República Popular da China, vou tentar elucidar genericamente por que linhas se coem as relações económicas entre este país asiático e os países de língua portuguesa.¹

¹ As informações recolhidas neste ponto da dissertação provêm maioritariamente do sítio da *internet* do Macauhub, um dos parceiros oficiais do Fórum Macau, como se pode constatar no *site* deste último. O Macauhub apresenta-se como um serviço gratuito de notícias, sedado em Macau, que distribui informação económica sobre a região do Grande Delta do Rio das Pérolas, no Sul da República Popular da China, e os países de língua oficial portuguesa de modo a apoiar governos, instituições e empresários na compreensão das potencialidades existentes para negócios e investimentos. (<http://www.macaubus.com.mo/pt/Quem-somos-nos/> - acesso em 14/03/2014).

Tendo como referência “dados oficiais das alfândegas”² chinesas relativos ao ano de 2012 vou mostrar alguns números do comércio entre a China e os países de língua portuguesa que nos permitem ver as economias da CPLP com maiores laços comerciais com a referida potência asiática.

Os dados divulgados indicam que nesse ano as relações comerciais atingiram um montante total de 128497 milhões de dólares, registando-se um acréscimo de 9,6% em relação ao ano anterior. A China comprou mercadorias aos oito países de língua portuguesa no valor de 87445 milhões de dólares e vendeu produtos no valor de 41052 milhões de dólares, tendo por isso um saldo comercial negativo de 46393 milhões de dólares que se deve ao défice nas trocas comerciais com o Brasil e Angola.

A China adquiriu ao Brasil produtos no valor de 52059 milhões de dólares e forneceu mercadorias no valor de 33425 milhões de dólares pelo que registou um saldo negativo. Ainda mais expressivo foi o saldo negativo no comércio com Angola, que vendeu bens no valor de 33458 milhões de dólares e adquiriu à China mercadorias no valor de 4044 milhões de dólares.

Portugal aparece em terceiro lugar nesta lista, comprando bens no valor de 2502 milhões de dólares e vendendo produtos num total de 1517 milhões de dólares, seguido de Moçambique que obteve mercadorias no montante de 941 milhões de dólares e vendeu produtos no valor de 402 milhões de dólares.

Através destes valores que envolvem os quatro países lusófonos com maiores trocas comerciais com a China, dos quais sobressaem o Brasil e Angola, é possível ter uma pequena noção da dimensão dessas relações. Em seguida irei debruçar-me sobre a interação entre a China e cada país da CPLP em particular.

Angola

Desde 2002, quando terminou a guerra civil, que este país do sudoeste africano passou a estar entre os que mais crescem no mundo e é actualmente uma das maiores economias do seu continente. Angola tem investido bastante na construção de infra-estruturas como estradas, portos, escolas ou hospitais. O poderoso sector

² COMÉRCIO entre a China e países de língua portuguesa atingiu 128497 milhões de dólares em 2012, *Macauhub*, Macau, 01 de Fevereiro de 2013 (<http://www.macauihub.com.mo/pt/2013/02/01/comercio-entre-a-china-e-paises-de-lingua-portuguesa-atingiu-128-497-milhoes-de-dolares-em-2012/> - acesso em 14/03/2014)

petrolífero tem sido determinante para este impulso que também permite aos seus empresários afirmarem-se no estrangeiro e investirem em diferentes negócios e mercados. É indeclinável falar sobre Angola numa perspetiva económica e não abordar a importância do petróleo. Representa o principal produto de exportação e tem um peso de “45% no Produto Interno Bruto, 70% nas receitas fiscais e 90% nas exportações”³, apenas a Nigéria produz mais na África subsariana. Mais de metade é exportado para a China, constituindo o petróleo angolano cerca de “16% da totalidade das importações”⁴ do país asiático e havendo, por exemplo, vários registos de notícias sobre determinados trimestres em que Angola se tem assumido mesmo como o maior exportador de petróleo para a China em termos absolutos, em alternância com a Arábia Saudita. As indústrias madeireira, de extração de minérios ou agro-alimentar são outras áreas que têm despertado o interesse chinês.

Logo após a guerra civil a China começou a desenvolver grandes obras de construção para acelerar a reconstrução angolana. Os baixos custos da mão-de-obra e dos materiais das construtoras chinesas, os empréstimos e financiamentos bancários, bem como a postura da política externa chinesa são outros factores que contribuem para Angola ser o maior “parceiro comercial da China em África”⁵ e um dos maiores a nível mundial. Ao contrário da China, em termos de colaboração financeira, os países e instituições ocidentais normalmente preocupam-se com algumas questões menos abonatórias como os níveis de corrupção, os desempenhos pouco democráticos do governo ou a excessiva dependência económica em relação ao petróleo, daí que haja uma apreciável sintonia e uma sólida cooperação entre estes dois países.

Brasil

O maior país da América do Sul e um dos maiores do mundo em população e território vive um momento de elevado crescimento e desenvolvimento, afirmando-se com segunda maior economia americana, só atrás dos Estados Unidos e uma das

³ LUSA, Exportações de petróleo angolano de maio aproximam-se de nível recorde de Agosto em 2012, *Jornal I*, 25 de Março de 2013 <http://www.ionline.pt/artigos/mercados/exportacoes-petroleo-angolano-maio-aproximam-se-nivel-recorde-agosto-2012> - acesso em 27/03/2014)

⁴ ANGOLA é o maior parceiro comercial da China em África, *Jornal O País*, Maputo, 07 de Maio de 2009 (<http://www.opais.net/pt/opais/?id=1865&det=5644&ss=china%20produtos%20exporta%E7%E3o> – acesso em 14/03/2014)

⁵ *Idem, ibidem*

maiores a nível mundial. O Brasil é rico em recursos naturais e energéticos e possui actualmente várias empresas de diferentes ramos com fortes investimentos no estrangeiro, inclusive em outros países da CPLP. Nos últimos anos algumas das “grandes empresas brasileiras que actuam no estrangeiro”⁶ são a Petrobras, a Embraer, a BRF, a Companhia Vale do rio Doce, a WEG, a Marcopolo e a Norberto Odebrecht. A Petrobras opera no sector petrolífero e tem o maior número de trabalhadores no estrangeiro (cerca de 17 mil) espalhados pela América do Sul, Estados Unidos da América, Ásia e África. A Embraer é uma das maiores fabricantes de aeronaves e curiosamente abriu a sua primeira unidade no estrangeiro em 2002 no norte da China. A BRF (Brasil Foods) é uma empresa do sector agro-alimentar que engloba várias marcas e comercializa diversos tipos de produtos alimentares. A Companhia Vale do Rio Doce é a maior produtora mundial de minério de ferro e destas grandes empresas a que há mais tempo está no estrangeiro, abrindo um escritório no Japão há cerca de 30 anos. A WEG é uma das maiores fabricantes mundiais de motores eléctricos e entre diversos países também tem uma unidade chinesa desde 2004. O grupo Marcopolo produz carroçarias para automóveis e é um dos maiores no mundo no seu sector. Por fim temos a Norberto Odebrecht maior empresa de engenharia e construção da América Latina, cuja facturação vinda do estrangeiro (Europa, América e África) representa 75% do total. O rol de empresas bem-sucedidas no exterior poderia continuar sobretudo nas áreas ligadas ao sector mineiro, engenharia e produção agro-alimentar. No que diz respeito à relação comercial entre Brasil e China, faz-se essencialmente da venda de “matérias-primas em bruto”⁷ (minério de ferro, soja, petróleo, madeira açúcar de cana) e compra de produtos de alta tecnologia como peças para computadores, televisores e telemóveis. A China lidera a “aquisição de produtos agro-alimentares ao Brasil”⁸ e a soja é o principal produto de exportação para a China, seguido do minério de ferro - ambos representam mais de metade do total exportado para o país asiático. Diria que apesar das consolidadas relações que mantém com a China, o Brasil não tem uma

⁶ INVESTIMENTO brasileiro no estrangeiro quase duplicou em cinco anos, *Macauhub*, Macau, 05 de Junho de 2006 (<http://www.macaubus.com.mo/pt/2006/06/05/1117/> - acesso em 14/03/2014)

⁷ HAKIME, Raphael, Veja o que o Brasil mais compra e vende na China, *Notícias R7*, Rio de Janeiro, 12 de Abril de 2011, (<http://noticias.r7.com/economia/noticias/veja-o-que-o-brasil-mais-compra-e-vende-da-china-20990408.html> - acesso em 14/01/2014)

⁸ CHINA consolidou em 2010 a liderança na aquisição de produtos agro-alimentares ao Brasil, *Macauhub*, Macau, 13 de Janeiro de 2011 (<http://www.macaubus.com.mo/pt/2011/01/13/china-consolidou-em-2010-a-lideranca-na-aquisicao-de-produtos-agro-alimentares-ao-brasil/> - acesso em 14/03/2014)

relação de dependência tão grande da potência asiática como outras nações da CPLP, pela robustez da sua economia e porque o seu leque de investimentos e parceiros comerciais é maior, estendendo-se por vários países e continentes.

Com base apenas em alguns factores como o emergente poderio económico, as empresas e investimentos fora de portas, a realização de eventos com alcance mundial como o Campeonato do Mundo de Futebol de 2014 ou os Jogos Olímpicos de 2016 é caso para dizer que o Brasil é hoje destacadamente o país com mais brilho e notoriedade do mundo lusófono.

Cabo-Verde

Este arquipélago da costa ocidental africana tem estabelecido vínculos com o maior país asiático que se consubstanciam em alguns acordos instituídos. No ano de 2012 o Primeiro-Ministro José Maria das Neves visitou a China, ocasião em que Cabo-Verde se candidatou a financiamento chinês para o desenvolvimento de diversos sectores, sobretudo a nível de obras públicas, e onde obteve um “pacote financeiro de 21 milhões de dólares”⁹ para construir infra-estruturas na área cultural, turística e administrativa, como um porto de águas profundas no Mindelo ou um terminal de cruzeiros na ilha de São Vicente. Por outro lado foram igualmente criados projectos bilaterais na área do ensino superior que envolvem a cooperação entre universidades, formação de docentes, mas também “investigação nas áreas das energias renováveis, tecnologias da informação, saúde e mar.”¹⁰ O Primeiro-Ministro cabo-verdiano visitou ainda algumas zonas económicas especiais chinesas como Shenzhen, Hong Kong e Macau e declarou que “pretende levar mais investimento chinês para Cabo Verde para acelerar o ritmo de crescimento da economia.”¹¹

⁹ CABO VERDE pretende apoio da China para grandes projectos de desenvolvimento, *Macauhub*, Macau, 23 de Março de 2012 (<http://www.macauhub.com.mo/pt/2012/07/23/cabo-verde-pretende-apoio-da-china-para-grandes-projectos-de-desenvolvimento/> - acesso a 15/03/2014)

¹⁰ CABO VERDE e a China vão cooperar na Ciência e Ensino Superior, *Macauhub*, Macau, 13 de Abril de 2012 (<http://www.macauhub.com.mo/pt/2012/04/13/cabo-verde-e-a-china-va-cooperar-na-ciencia-e-ensino-superior/> - acesso a 15/03/2014).

¹¹ CABO VERDE pretende apoio da China para grandes projectos de desenvolvimento, *Macauhub*, Macau, 23 de Março de 2012 (<http://www.macauhub.com.mo/pt/2012/07/23/cabo-verde-pretende-apoio-da-china-para-grandes-projectos-de-desenvolvimento/> - acesso a 15/03/2014)

Guiné-Bissau

Apesar da instabilidade governativa e social que este país costeiro da África Ocidental tem vivido nos últimos anos, mantém elos económicos com a China. Por exemplo, em 2009 a China fez um donativo humanitário de mais de mil toneladas de arroz e uma ajuda financeira de 200 mil dólares de “apoio às eleições presidenciais”.¹² No ano de 2011 empresários chineses estiveram neste país para descortinar oportunidades de investimento nos sectores da agricultura, pescas e indústria, nomeadamente na área do processamento da castanha de caju, o “principal produto de exportação da Guiné-Bissau”.¹³ Mais recentemente, em 2013 a potência asiática doou à Guiné-Bissau 110 postes de iluminação pública solar para atenuar os recorrentes problemas de falta de energia eléctrica na capital do país, Bissau. No mesmo ano também há notícia de que a China finalizou a remodelação do estádio nacional, cerimónia na qual o à época presidente Serifo Nhamadjo foi esclarecedor em relação ao financiamento e à construção de importantes infra-estruturas pelos chineses:

A China fez-nos o Parlamento, o Palácio do Governo, está a restaurar o Palácio da República, fez os hospitais militares de Bissau e o regional de Canchungo e está prestes a fazer o Palácio da Justiça. A China fez obras em todas as instituições da República da Guiné-Bissau.¹⁴

Moçambique

A economia deste país do sudeste africano vive um período bastante vigoroso. A título de exemplo, cito uma notícia do jornal Expresso datada do final de 2012 que revelou que “cerca de 50% das novas descobertas de petróleo e gás”¹⁵ desde

¹² GUINÉ-BISSAU: China entrega mais de mil toneladas de arroz e 200 mil dólares de apoio às presidenciais, *Macauhub*, Macau, 14 de maio de 2009 (<http://www.macaue.com.mo/pt/2009/05/14/7052/> - acesso a 15/03/2014)

¹³ EMPRESÁRIOS da China vão avaliar oportunidades de negócio na Guiné-Bissau, *Macauhub*, Macau, 13 de Janeiro de 2011 (<http://www.macaue.com.mo/pt/2011/01/13/empresarios-da-china-vaio-avaliar-oportunidades-de-negocio-na-guine-bissau/> - acesso a 15/03/2014)

¹⁴ CHINA entrega à Guiné-Bissau estádio nacional remodelado, *Macauhub*, Macau, 07 de Março de 2013 (<http://www.macaue.com.mo/pt/2013/03/07/china-entrega-a-guine-bissau-estadio-nacional-remodelado/> - acesso a 14/03/2014)

¹⁵ EIRAS, Ruben, A era do petróleo em português, *Expresso*, 22 de Novembro de 2012 (<http://expresso.sapo.pt/a-era-do-petroleo-em-portugues=f768918#ixzz2UfGPwJID> – acesso a 15/03/2014)

2005 estão localizadas em países lusófonos. Brasil e Moçambique lideram a lista das maiores descobertas com quase metade das novas reservas destas fontes energéticas, enquanto Angola surge em décimo lugar. As relações com a China têm vindo a crescer e o sector industrial tem sido o “principal destinatário (71%)”¹⁶ do investimento chinês, além da construção civil, serviços e agricultura. O sul de Moçambique, particularmente a província de Maputo, recebe “mais de 85%”¹⁷ do capital investido pelos chineses. A nível de exportação para o país asiático, além dos já referidos recursos energéticos, também se evidencia o sector mineiro (carvão, minério de ferro, etc.), a madeira, o açúcar, entre outros. Moçambique está a crescer a um bom ritmo e a conquistar o seu espaço no seio das economias mais influentes do continente africano.

Portugal

Além da sua localização servir como uma espécie de porta de entrada para a Europa, Portugal beneficia do facto de ser um dos países com mais antigas e duradouras relações diplomáticas e económicas com a China, tendo por isso laços oficiais de grande proximidade e representando um parceiro estratégico importante para o diálogo entre a China e os países da CPLP. Não podemos esquecer o papel de Macau enquanto ponte entre a Ásia e o Ocidente depois de quase cinco séculos como colónia portuguesa. Além da criação do Fórum Macau em 2003, as recentes ligações entre Portugal e a China tiveram um assinalável impulso depois de em 2005 o presidente Hu Jintao ter estado de visita a Portugal e assinado alguns “acordos de comércio e cooperação”.¹⁸ Data desse ano, por exemplo, o início de um significativo aumento das licenciaturas em português nas universidades chinesas como mais adiante nesta dissertação se poderá constatar. Actualmente, com a crise económica que atinge Portugal há alguns anos, o governo chinês tem apostado na compra de dívida nacional ajudando à recuperação da economia nacional. Algumas empresas chinesas têm investido em participações nas empresas

¹⁶ SECTOR industrial é o principal destinatário do investimento chinês em Moçambique, *Macauhub*, Macau, 28 de Novembro de 2011 (<http://www.mcauhub.com.mo/pt/2011/11/28/sector-industrial-e-principal-destinatario-do-investimento-chines-em-mocambique/> - acesso a 15/03/2014)

¹⁷ Ibidem.

¹⁸ Tradução minha do original “trade and cooperation agreement” em:

PORTUGAL Special - Iberian hub is China’s bridge to the world, *China Daily*, Pequim, 28 de Junho de 2011 (http://www.chinadaily.com.cn/cndy/2011-06/28/content_12789185.htm - acesso a 14/03/2014)

portuguesas (como a EDP, a REN ou a Galp Energia), sobretudo as que possuem laços com o Brasil e Angola. Ultimamente existe uma certa interação entre estes três países a propósito da aquisição de parte ou da totalidade do capital de algumas empresas portuguesas, como a “Galp Energia ou a cimenteira Cimpor”.¹⁹ No que respeita a produtos comercializados, Portugal importa principalmente televisores, equipamentos tecnológicos e material eléctrico, vendendo à China sal, mármore, cimento, para além de cortiça.

Portugal constitui assim uma porta de entrada para a CPLP fruto das históricas relações diplomáticas e comerciais, revelando-se, por seu turno, a China como um apoio importante e conveniente nesta fase menos favorável que a economia portuguesa tem atravessado.

São Tomé e Príncipe

Este país insular do Golfo da Guiné, na costa ocidental africana, está excluído de quaisquer relações diplomáticas com a República Popular da China porque reconhece Taiwan (autodenominada República da China) como país independente, o que não é concebível pelo governo chinês. A China estabeleceu relações diplomáticas com São Tomé e Príncipe logo após a independência em 1975 mas em 1997 o presidente Miguel Trovoada anunciou o estabelecimento de relações com Taiwan. Apesar das muitas vozes contrárias a esta medida, a cooperação com Taiwan tem-se revelado conveniente para o arquipélago pois têm sido desenvolvidos vários projectos como o que “permitiu praticamente erradicar a malária”.²⁰ Também os investimentos públicos estão à frente dos feitos pelos países europeus, “só superados por Nigéria e Angola.” Actualmente não há registo de ligações governamentais ou económicas – São Tomé e Príncipe não faz sequer parte do Fórum Macau – e o mais próximo disso será uma “participação chinesa” na operadora francesa Total que se encontra a perfurar

¹⁹ 2012 termina com comércio e investimento em alta entre China e países de língua portuguesa, *Macauhub*, Macau, 26 de Dezembro de 2012(<http://www.macauhub.com.mo/pt/2012/12/26/22749/> - acesso a 14/03/2014)

²⁰ LUSA, São Tomé e Príncipe está fora da cooperação chinesa com a Lusofonia, *Observatório da Língua Portuguesa*, 29 de Setembro de 2013 (<http://observatorio-lp.sapo.pt/pt/ligacoes/legislacao-e-efemerides-lista/s-tome-e-principe-esta-fora-da-cooperacao-chinesa-com-a-lusofonia> acesso a 16/03/2014)

certas zonas da costa são-tomense para averiguar a viabilidade de uma possível extracção petrolífera.

Timor-Leste

As relações entre este jovem país do sudeste asiático e a China encontram-se ainda numa fase algo incipiente, no entanto, algumas empresas chinesas têm demonstrado interesse em explorar petróleo e gás em Timor-Leste. Em 2011 foram assinados acordos com a China para apoiar o desenvolvimento e a cooperação na construção e recuperação de infra-estruturas que incluem subsídios e empréstimos para o desenvolvimento, mas também o envio de médicos e outros profissionais especializados. A propósito destas negociações, o presidente timorense à data, José Ramos Horta, afirmou que o país precisava de um aeroporto novo, escolas, águas e saneamento num plano de investimento a 20 e anos e acrescentou que via a China como “um dos poucos países na região e no mundo de onde Timor-Leste pode atrair algum investimento”.²¹

Através da síntese dos dados anteriores é possível constatar que a China mantém fortes relações com quase todos os países da CPLP (à excepção de São Tomé e Príncipe) o que lhe permite a entrada em mercados económicos de diferentes continentes e contribui consideravelmente para a consolidação de uma posição de influência geoestratégica à escala global. Muitos destes países possuem diversos recursos naturais e boas condições para os poder exportar (portos marítimos, etc.). Brasil e Angola são, respectivamente, os mais importantes parceiros chineses nos mercados sul-americano e africano enquanto Portugal se assume como um importante e secular parceiro no espaço europeu e lusófono. Em termos comerciais a China importa essencialmente matérias-primas e recursos energéticos, além de alguns produtos agro-alimentares, em troca, sobretudo, de financiamentos, participações em empresas, empréstimos e apoios ao crescimento económico e ao desenvolvimento. Esta interacção baseada na gestão de mútuos interesses tem vindo a ser bastante profícua para ambas as partes, embora possa resultar em algumas eventuais consequências menos positivas no

²¹ CHINA é a principal opção de investimento em Timor-Leste afirma Ramos-Horta, *Macauhub*, Macau, 14 de Abril de 2011 (<http://www.macauhub.com.mo/pt/2011/04/15/china-e-a-principal-opcao-para-investimento-em-timor-leste-afirma-ramos-horta/> acesso a 16/03/2014)

futuro, como a exaustão dos recursos naturais, a manutenção de graves problemas de corrupção que afetam grande parte dos governos do mundo lusófono ou a sustentação de regimes pouco democráticos em África que nem sempre convertem a força das suas economias numa melhoria substancial das condições de vida das suas populações. Decididamente, a matéria-prima das actuais relações entre a China e os países CPLP é fundamentalmente de natureza económica.

1.2. *O português na “crista da onda”*

A expressão que intitula esta parte da dissertação é uma adaptação de uma famigerada frase proferida há uns anos por Carlos Reis em entrevista ao Jornal Expresso e que agora muito se difunde um pouco por toda a parte, de que “está na moda aprender português”.²² Partindo desta notoriedade que o português tem alcançado, sobretudo no país em que me encontro a laborar, vou analisar alguns sinais denunciadores deste período bem-aventurado do português e da sua presença no território chinês em especial. Para tal investigarei algumas notícias sobre o tema e depoimentos de alguns peritos na matéria.

Uma língua tem escassas possibilidades de se internacionalizar enquanto noutras instâncias que não a linguística (política, económica, científica) esses países não se afirmarem. (...) Uma língua e uma cultura podem abrir caminhos à economia, tornar um país conhecido, dar boa imagem, divulgar o que lá se faz e isso é um valor estratégico importante.²³

Já em 2008 o supracitado professor universitário e coordenador de um estudo sobre a internacionalização da Língua Portuguesa salientava a importância de existir uma política de língua concertada entre os países de língua oficial portuguesa que acompanhasse a “afirmação” desses países e “abrisse caminho” a outros sectores de actividade. A língua deve assim aproveitar o destaque que alguns países da CPLP têm vindo a conquistar e servir de meio para potenciar e consolidar essa relevância a nível global. As palavras de Carlos Reis ao dizer que o português está na China por razões de “natureza económica” e que os chineses sabem que falar português é importante para

²² REIS, Carlos, em Entrevista concedida a Luísa Meireles, Está na Moda Aprender Português, *Expresso*, Lisboa, 05 de Julho de 2008, (<http://expresso.sapo.pt/esta-na-moda-aprender-portugues=f359202#ixzz2x9pFzHEy> – acesso em 18/10/2013)

²³ *Idem, Ibidem.*

“fazer negócios em África” são um exemplo do proveito que a língua deve retirar destes interesses globais e um alerta para que os agentes responsáveis pela dinamização da língua estejam atentos e a par de todas estas circunstâncias.

Há uma relação direta entre a língua e a economia. O investimento económico, a mobilidade de emprego e o turismo são algumas razões que nos fazem circular em vários continentes. (...) A China olha para o longo prazo. Ao perceber que havia mudanças na geopolítica começou a apostar no português porque tem muita população jovem.²⁴

Em entrevista datada do final do ano transacto, Ana Paula Laborinho, presidente do Instituto Camões, também abordou o valor estratégico da língua adiantando que há “dois movimentos económicos” que contribuem para aumentar o uso e a aprendizagem do português, o dos “países que estão a crescer” e o dos países que se interessam pela língua portuguesa para estabelecer “pontes com países como o Brasil ou Angola”. Salientou ainda a posição do português na *internet*, a “5ª língua mais usada”, e em particular nas redes sociais *Twitter* e *Facebook*, a “3ª mais usada”. Ao valor económico e profissional, podemos também colher das palavras da presidente do Instituto Camões a representatividade que a língua tem na *internet*, espaço de desmedido alcance, de influência global e determinante na disposição das sociedades actuais. Estas são mais marcas indeléveis de que a língua portuguesa está, de facto, a viver um momento favorável.

Em termos de encontros institucionais com a intenção de fortalecer o ensino e a aprendizagem do português na China e de dotar as universidades chinesas dos melhores recursos humanos, técnicos e científicos para esse fim, os últimos tempos têm sido pródigos, havendo registo de várias notícias que o atestam. Em Julho de 2012 o Instituto Camões juntamente com algumas universidades portuguesas estabeleceu “parcerias para a promoção da língua portuguesa”²⁵. Esta iniciativa envolveu, entre outras medidas, cursos para docentes chineses e investigação sobre PLE na China. Em Fevereiro de 2013 Nuno Crato (Ministro da Educação e Ciência) esteve na China onde assinou acordos para incentivar a cooperação científica entre os dois países, envolvendo

²⁴ LABORINHO, Ana Paula, em Entrevista concedida a Manuela Goucha Soares, Português é a Quinta Língua da Internet, *Expresso*, Lisboa, 28 de Outubro de 2013, (<http://expresso.sapo.pt/portugues-e-a-quinta-lingua-da-internet-acompanhe-aqui-o-debate=f838108#ixzz2x9oLn1v3> – acesso em 29/10/2013)

²⁵ PARCERIA entre Universidades Vai Promover Cultura Portuguesa na China, *Sol*, Lisboa, 20 de Julho de 2012, (http://sol.sapo.pt/inicio/Sociedade/Interior.aspx?content_id=54861 – acesso em 29/10/2013)

“empresas, universidade e centros de investigação”²⁶ e em Março do mesmo ano representantes de 19 universidades chinesas estiveram em Lisboa com propósitos semelhantes. Em Março deste ano uma reportagem sobre a crescente procura do português por parte dos chineses, percorreu algumas universidades portuguesas e asseverou que os alunos asiáticos consideram uma “mais-valia para procurar trabalho, principalmente para chegar aos mercados de Angola, Moçambique, Brasil e Timor.”²⁷ Acrescento que em Maio do corrente ano o Presidente da República Portuguesa, Dr. Aníbal Cavaco Silva, fez uma visita de uma semana à China e, de entre a sua comitiva de algumas dezenas de elementos, estiveram vários reitores e representantes de universidades portuguesas que assinaram mais protocolos com universidades e outras instituições chinesas.

São incontáveis os exemplos da recente relevância que é dada à língua portuguesa. A revista *Monocle* foi notícia em Portugal por ter dedicado as suas 258 páginas da edição de Outubro de 2012 inteiramente à “Geração Lusofonia: o porquê do português ser a nova língua do poder e do comércio”.²⁸ Esta revista “dirigida às elites do mundo e que frequentemente antecipa tendências”²⁹, escreveu na altura que “está na hora de começar a aprender português pois a sua comunidade faz negócios a um ritmo único”. O britânico *British Council* considerou-a “uma das dez línguas estrangeiras mais importantes dos próximos 20 anos”³⁰, a revista *Forbes* anunciou o lançamento para 2014 de uma “edição em português”³¹... É evidente que uma língua, como ferramenta viva e mutável de uma comunidade, não vive nunca isolada e a sua procura e

²⁶ BORGES, Carolina Silva, China quer captar estudantes portugueses, *Expresso*, Lisboa, 20 de Março de 2013 (<http://expresso.sapo.pt/china-quer-captar-estudantes-portugueses=f795044#ixzz2UfRlsu8f> - acesso em 27/11/2013)

²⁷ PACHECO, Isabel, Ensino de Português cada vez mais procurado entre chineses, *Expresso*, Lisboa, 19 de Março de 2013 (http://rr.sapo.pt/informacao_detalhe.aspx?fid=25&did=142614 - acesso em 27/11/2013)

²⁸ Generation Lusophonia: why Portuguese is the new language of power and trade, no original.

²⁹ HENRIQUES, Ana Maria, Monocle: está na hora do mundo aprender português, *Público*, Lisboa, 21 de Setembro de 2012 (<http://p3.publico.pt/actualidade/media/4677/monocle-esta-na-hora-de-o-mundo-aprender-portugues> - acesso em 25/11/2013)

³⁰ LUSA, Estudo identifica língua portuguesa como “idioma para o futuro” no Reino Unido, *Observatório da Língua Portuguesa*, 08 de Agosto de 2013, (<http://observatorio-lp.sapo.pt/Content/Files/languages-for-the-future-report.pdf> - acesso em 25/11/2013)

³¹ LUSA, Revista “Forbes” lança, em 2014, edição em português, *Observatório da Língua Portuguesa*, 22 de Novembro de 2013, (<http://observatorio-lp.sapo.pt/pt/geopolitica/o-valor-economico-da-lingua-portuguesa/forbes-angola-portugues> - acesso em 27/11/2013)

disseminação estão directamente relacionadas com o que ocorre nessa mesma sociedade. Algo que mais uma vez se verifica e que acontece recorrentemente no que à universalização da língua portuguesa diz respeito é a sua interdependência com sectores da sociedade como a investigação científica, a política internacional e, à cabeça, a economia. Podemos dizer que para a China, aprender a língua portuguesa é uma forma de se aproximar de países com os quais pretende estabelecer diferentes tipos de negócios, sendo que aqui a palavra aproximar tem uma razão de ser muito concreta dado que aprender a língua do outro efectivamente aproxima, não só é vantajoso para conferir melhor qualidade ao diálogo mas aproxima os povos e torna-os mais afeiçoados, pois também esta é uma forma de conquistar respeito e admiração e tornar os outros mais receptivos. Actualmente a China é bastante associada à expressão “soft power”³² por vir a fazer esforços no sentido de trabalhar a sua imagem no plano mundial de modo a criar empatia e não ser vista apenas como uma grande potência económica, mas também como um país com outros valores que lhe permitam ser aceite e reconhecido por aspectos que não os puramente económicos. Nesse sentido, a procura do português acaba por resultar numa espécie de união entre o útil e o agradável para os interesses desta nação asiática e, convenhamos, para a própria língua portuguesa que adquire influência e notoriedade fruto das relações bilaterais entre diferentes países.

1.3. *O português no ensino universitário chinês: ponto da situação*

A importância que as autoridades chinesas atribuem à aprendizagem do português reflecte-se no acentuado incremento que o português tem tido, nos últimos anos, no meio universitário deste país asiático. Nas próximas linhas vou tentar aclarar os contornos deste aumento e fazer um ponto da situação do ensino do português nas universidades chinesas (do continente), baseando-me fundamentalmente num documento disponível no sítio da *internet* da Embaixada de Portugal em Pequim que

³² “Soft power is the result of being liked, respected, trusted, or admired. Country A possesses soft power if people in Country B have positive ideas about it. (...) In fact, Chinese soft power does exist. You just have to look for it in the right places.” Definição retirada de MOSS, Trefor, Soft Power? China Has Plenty, *The Diplomat (Asia-Pacific)*, 04 de Junho de 2013, (<http://thediplomat.com/2013/06/soft-power-china-has-plenty/> - acesso em 01/11/2013)

registra todas as instituições que oferecem aos seus estudantes a possibilidade de estudar português.³³

Com base neste documento podemos verificar que o português está presente em 19 universidades espalhadas por mais de uma dezena de cidades, sendo a mais representada a capital, Pequim. É possível ler também que em 16 destas universidades está presente o nível de ensino de licenciatura, duas delas detêm também mestrado, havendo três universidades em que o português está presente como língua opcional. Em termos de estudantes podemos contabilizar um total de 1372 alunos o que dá uma média de 72 por instituição, pelo que refiro ainda que existem 9 universidades com 90 ou mais alunos, onde a *Harbin Normal University*, na cidade nortenha de Harbin é a que assinala um número mais elevado de estudantes de português, 120 ao todo. Quanto aos docentes, estão registados 81 professores, 54 de origem chinesa (aproximadamente 67%) e 27 estrangeiros (33% arredondamente). Destes 27 docentes 21 são de nacionalidade portuguesa (78%) e 6 são de nacionalidade brasileira (12%). Considero importante ressaltar que algumas universidades têm anotado que solicitaram já mais leitores de português, sobretudo ao abrigo de protocolos com o Instituto Português do Oriente ou o Camões - Instituto da Cooperação e da Língua, usualmente conhecido como Instituto Camões.

Outro factor a enfatizar deste documento é que em 16 das 19 universidades que instituíram o ensino de português, os cursos foram criados após o ano de 2005, o que é indiciador desta tendência relativamente recente, fruto da relevância que a lusofonia representa para a China. Excepção feita a duas universidades chinesas que disponibilizam estudos de português desde o início dos anos 60 do século passado e à *Shanghai International University Studies* (1977), todas as outras universidades criaram cursos de português a partir de 2005. Desde esse ano até 2012, em todos os anos abriram cursos de português na China a uma média de dois novos cursos por ano e, inclusive, no ano de 2012 começaram três novos cursos universitários.

Segundo o Professor Carlos Ascenso André (director do Centro Pedagógico e Científico de Língua portuguesa no Instituto Politécnico de Macau) ao abordar o “Ensino da Língua portuguesa na China” a propósito da 2ª Conferência Internacional

³³ O documento em causa refere-se ao ano lectivo de 2012/2013, no fim do qual os alunos responderam ao inquérito e está disponível em:

(http://www.portugalembassychina.com/sections/cul_sec.php?lng= - acesso em 27/10/2013)

“Língua Portuguesa no Sistema Mundial” que decorreu no passado mês de Outubro em Lisboa,

nos últimos cinco ou seis anos a explosão do ensino do português foi fantástica pelo que passámos de seis ou sete universidades para mais de vinte instituições onde 1350 estudantes aprendem português, essencialmente ao nível da licenciatura.³⁴

Sensivelmente ao encontro dos dados a que acedi e que mencionei anteriormente, o mesmo professor acrescentou na referida conferência,

há mais de 100 docentes a leccionar português no Ensino Superior. É um corpo muito jovem, 65% dos professores são chineses e têm problemas de formação, os outros 35% são docentes de nacionalidade portuguesa ou brasileira. [...] Dentro de cinco anos teremos mais de cinco mil universitários chineses a aprender português, que em algumas universidades já é a segunda nota mais alta de entrada.³⁵

Através dos estudos e das estimativas de especialistas, do aumento de estudantes em sucessivos anos lectivos e da solidez das relações económicas entre a China e os países lusófonos, todos os indicadores revelam o período próspero que o português atravessa, com tendência para nos próximos tempos aumentar o número de oferta formativa, de estudantes, professores e restantes elementos ligados ao ensino universitário de português na China. Definitivamente este é não só um espaço geográfico em que a língua portuguesa está de boa saúde, mas representa também um dos países do mundo onde tem maior margem de difusão e progressão e onde continuamente se estão estabelecer laços para que a presença lusófona possa acentuar-se ainda mais e ter um papel cada vez mais determinante no meio universitário, na sociedade civil chinesa e nas relações socioeconómicas entre este e os países integrantes da CPLP.

³⁴ ANDRÉ, Carlos Ascenso, em Entrevista concedida a Manuela Goucha Soares, Ensino de Português Cada Vez Mais Procurado entre os Chineses, *Expresso*, Lisboa, 30 de Outubro de 2013, (<http://expresso.sapo.pt/portugues-e-a-lingua-da-moda-e-do-emprego-na-china=f838497#ixzz2x9nyur69> – acesso em 01/11/2013)

³⁵ ANDRÉ, Carlos Ascenso, em Entrevista concedida a Manuela Goucha Soares, Ensino de Português cada vez mais procurado entre os chineses, *Expresso*, Lisboa, 30 de Outubro de 2013, (<http://expresso.sapo.pt/portugues-e-a-lingua-da-moda-e-do-emprego-na-china=f838497#ixzz2x9nyur69> – acesso em 01/11/2013)

1.4. *O caso concreto da Universidade de Sun Yat-sen*

Neste ponto abordo a integração do ensino/aprendizagem de português no caso concreto desta instituição, os objetivos da universidade, os alunos, o plano de estudos e demais particularidades que possam ser pertinentes para compreender a posição do português nesta universidade chinesa. Porém, antes de avançar para a caracterização do ensino de português começo por destinar um breve parágrafo à instituição propriamente dita para que se possa ter uma ideia de que universidade é esta, de um pouco da sua génese e da situação atual.

A Universidade de Sun Yat-sen (SYSU)³⁶ foi fundada em 1924³⁷ pela mão do Dr. Sun Yat-sen, herdando o nome deste destacado líder revolucionário chinês que teve um contributo decisivo para o fim da última dinastia imperial chinesa e consequente passagem para a China moderna, em 1912, sendo por isso referido pelos chineses como o “pai da nação”. Esta universidade é uma das “maiores” e “mais antigas” universidades chinesas e encontra-se sediada na cidade de Cantão, dentro da província com o mesmo nome.³⁸ A SYSU é uma instituição “multidisciplinar” com um universo estudantil a rondar os “82400” estudantes distribuídos pelas mais diversas áreas do saber que vão, entre outras, desde a Medicina às Humanidades, das Ciências Económicas às Ciências Naturais, passando pela Engenharia Nuclear ou Tecnológica. A universidade é composta por quatro campus, três deles localizados na cidade de Cantão e outro na cidade de Zhuhai. Nesta última cidade, distante de Cantão cerca de 100 Km para sul e de paredes meias com Macau, está o mais recente campus (2004) e também o maior em área, com aproximadamente “3750 km²”. É dentro deste espaço que a Escola de Estudos Internacionais³⁹ possibilita aos seus estudantes a oportunidade de, entre muitas outras línguas, escolherem aprender português desde 2006.

O ensino de português foi reajustado em 2012 depois da assinatura de um acordo de cooperação entre a SYSU e a UL, altura em que a Escola de Estudos

³⁶ SYSU é o acrónimo original em inglês de Sun Yat-sen University.

³⁷ A informação contida neste parágrafo sobre a SYSU, a sua história e o seu fundador, Dr. Sun yat-Sen, foi inteiramente retirada da versão em inglês do sítio da *internet* da própria universidade (<http://www.sysu.edu.cn/2012/en/about/about01/index.htm> – acesso em 15/02/2014).

³⁸ Em português Cantão denomina a província e também a cidade, em chinês o nome da província é Guangdong e o da cidade Guangzhou.

³⁹ School of International Studies, no original.

Internacionais desta universidade chinesa passou a contar com um Leitor vindo de Lisboa e cortou laços com alguns colégios de Macau que facultavam professores para ir ao outro lado da fronteira leccionar português. Este acordo representou também uma mudança de atitude na forma como a SYSU encara o português, na medida em que a partir daqui começou a estabelecer ligações com outras universidades de Portugal, Brasil ou Macau, o que permite não só o intercâmbio de alunos e professores, mas interfere também no interesse e motivação dos alunos para estudar português bem como na preponderância desta língua dentro da própria da faculdade.

Como em outras universidades pelo mundo fora, o Português está inserido no Departamento de Espanhol da SYSU e é uma língua estrangeira opcional correspondente a um *Minor*⁴⁰. Uma vez que nos cursos da Escola de Estudos internacionais é obrigatória a frequência de uma língua estrangeira como *Minor*, a partir de um vasto leque de línguas os alunos têm a hipótese de escolher estudar português. O português é opção para os estudantes que provêm dos cursos de *Major* em Língua Inglesa, como Inglês para Negócios, Tradução e Interpretação e Relações Internacionais⁴¹ ou, inclusive, Chinês Língua Estrangeira. Presentemente, no decorrer do segundo ano letivo após a redefinição do papel do português, a universidade conta com cerca de 60 alunos, divididos entre o primeiro e o segundo ano. O plano de estudos actual está elaborado para os dois primeiros anos e é constituído pelas disciplinas de Português Elementar (I e II) no primeiro ano e pelas disciplinas de Português Intermédio (I e II), Comunicação e Compreensão Audiovisual, Leitura, e Cultura Lusófona no segundo. Cumprido este biénio os melhores alunos terão a possibilidade de ir para uma universidade portuguesa ou brasileira para aperfeiçoar a língua e seguir os estudos. Algumas destas universidades possuem já planos específicos com a SYSU que contemplam intercâmbios de estudantes durante um ano ou num sistema 2+2, isto é, dois anos em cada país e através do qual os alunos chineses poderão obter uma certificação de *Major* a português caso prossigam o estudo da língua e obtenham os créditos necessários para o efeito. A ênfase no português tem sido constante para a

⁴⁰ O *Minor* é um complemento do *Major*, corresponde a uma *unidade curricular menor* ou secundária, por seu turno o *Major* é a *especialização* principal, uma *formação inicial numa área específica de saber*. As palavras destacadas nesta definição foram baseadas numa definição da própria FLUL a propósito do curso de Línguas, Literaturas e Culturas disponível no sítio:

<http://ww3.fl.ul.pt/servicos/academicos/Inscricoes2011/FAQLLC.aspx> - acesso em 15/02/2014)

⁴¹ *Business English, Translations and Interpreting e International Affairs* no original.

SYSU que naturalmente não é alheia à sua procura e à sua influência dentro do sistema socioeconómico mundial. As solicitações das embaixadas de Angola e do Brasil, os contactos para a criação de uma licenciatura, ou as recentes viagens dos responsáveis da SYSU ao Brasil para alargar o número de acordos de cooperação reflectem a consciência de que o português é uma língua em que a universidade se quer empenhar e a importância crescente que a língua portuguesa tem dentro da instituição e na sua relação com o meio envolvente.

Parte II

2. Inquérito aos estudantes de português

2.1. *Suporte teórico do inquérito*

Um dos propósitos desta dissertação, e porventura o principal, é encontrar respostas sobre a interacção dos estudantes universitários chineses com o mundo lusófono e com as novas tecnologias, a dimensão mediática, mais concretamente. Para o conseguir de uma forma mais objectiva construí um inquérito através do qual defrontei os estudantes com um conjunto de questões. Da frase anterior retenho três ideias que pretendo explorar nesta fase do trabalho. Em primeiro, o inquérito e a importância da aplicação deste método de estudo; depois, os estudantes da SYSU como parte da “população ou universo”⁴² dos estudantes universitários de português na China, e por fim, o conjunto de questões efectuadas cuja selecção e pertinência desenlearei mais adiante.

O inquérito encerra algumas vantagens para um estudo desta natureza uma vez que permite interrogar uma determinada quantidade de indivíduos com vista a uma “generalização”⁴³, ou seja, encerra especial utilidade quando desejamos conhecer o “mesmo tipo de variável” em muitos indivíduos e obter informações a respeito de uma “grande variedade de comportamentos, atitudes, opiniões ou preferências sobre fenómenos”⁴⁴ que ocorrem na sociedade. No caso prático que analiso, os inquéritos efectuados permitem reunir informações sobre estes estudantes em específico, mas que podem ser generalizados para outros com idênticas características. Considerando a “amostra uma pequena parcela representativa”⁴⁵ ou um número restrito de pessoas dentro do “número total de casos [população ou universo] sobre os quais se pretende retirar informações”⁴⁶, os estudantes de português da SYSU compõem a amostra dentro da população constituída pela totalidade dos estudantes que estudam português no meio

⁴² Hill, M.; Hill A., *Investigação por Questionário*, p. 23

⁴³ Sousa, Maria José; Baptista, Cristina Sales, *Como Fazer Investigação, Dissertações, Teses e Relatórios - Segundo Bolonha*, p. 89

⁴⁴ *Idem*, p.90

⁴⁵ *Idem*, p.72

⁴⁶ *Ibidem*: os parêntesis foram acrescentados por mim.

universitário chinês. O método em que me baseei para a selecção da amostragem foi em certa medida facilitado pelo conjunto de pessoas constituído pela turma de alunos, um “agrupamento natural da população previamente formado em que todos os elementos são escolhidos”.⁴⁷ Esta amostragem por “*clusters* - grupos ou aglomerados com qualidades semelhantes”⁴⁸ - reveste-se de bastante utilidade quando é “difícil ou impossível”⁴⁹ conhecer todos os casos do universo, por serem de grandes dimensões ou estarem geograficamente dispersos, mas todos esses casos estão agregados por *clusters* como acontece numa turma de estudantes universitários. Ainda que a amostra esteja agrupada de forma antecipada e seja representativa da população, é conveniente acrescentar que não existe um método que garanta uma amostra “absolutamente representativa”⁵⁰, e que esta possui impreterivelmente “enviesamentos”⁵¹, que se devem ter em consideração, embora não ao ponto de um “purismo exagerado e de condenar toda a sondagem por causa dos seus enviesamentos inevitáveis”⁵². Apesar de eventuais lacunas em termos de amostragem, que se compreendem sobretudo quando se pretende estudar um universo tão vasto e diversificado, o inquérito permite uma maior objectividade e sistematização de resultados, assim como agilidade no tempo de análise e tratamento. Como “fonte de pesquisa primária”⁵³, em que através da concepção e aplicação das questões se podem obter directamente informações sobre factos ou sobre a forma como os entrevistados adquiriram esses factos, ao invés das “fontes de pesquisa secundárias”⁵⁴ que resultam da análise de trabalhos de terceiros, é uma ferramenta essencial no “processo de investigação”⁵⁵ por possibilitar coligir dados de uma dada amostra e poder depois generalizá-los para toda uma população ou universo com semelhantes especificidades. Saliento também que além desta recolha direta de informação, servir-me-ei também de alguma observação decorrente dos meus dois anos de trabalho neste meio e com esta amostra em particular.

⁴⁷ Sousa, Maria José; Baptista, Cristina Sales, *op. cit.*, p.76

⁴⁸ Hill, M.; Hill A., *ob. cit.*, p. 47: ênfase minha.

⁴⁹ *Ibidem.*

⁵⁰ Sousa, Maria José; Baptista, Cristina Sales, *op. cit.*, p. 78

⁵¹ Ghiglione, R.; Matalon, B., (2001 [1977]) *O Inquérito: Teoria e Prática*, p. 52

⁵² *Ibidem.*

⁵³ Sousa, Maria José; Baptista, Cristina Sales, *op. cit.*, p. 71

⁵⁴ *Ibidem.*

⁵⁵ *Idem*, p. 70

Abordado o método e a selecção da amostra, segue-se o “instrumento base do inquérito”⁵⁶, o questionário, através do qual são recolhidas as “informações com base na inquirição”⁵⁷. Na formação deste questionário estão presentes diversos tipos de questões que vão desde as que permitem uma “resposta fechada”⁵⁸, escolher uma (ou várias) opções de entre muitas, até às que viabilizam “respostas abertas”⁵⁹, em que os inquiridos podem usar as suas próprias palavras, passando ainda por “questões semi-fechadas”⁶⁰, de resposta aberta e fechada na mesma questão, e por “questões de filtro”⁶¹ que, como a denominação sugere, filtram as pessoas para as quais a resposta não se adequa. Por ser constituído tanto por questões que requerem respostas abertas como fechadas, estamos perante um “questionário de tipo misto”⁶². Na sua composição tive em conta alguns preceitos para que este possa ser o mais profícuo possível. Utilizar respostas simples, com uma sequência lógica, não muito longas para não desmotivar o inquirido e excluir a ambiguidade para não suscitar confusão e “evitar diferentes interpretações”⁶³. É também recomendável imprimir neutralidade e usar a 3ª pessoa como parte de um “registo formal”⁶⁴ que o questionário deve possuir. Outro ponto essencial é a necessidade de adequar o nível linguístico à amostra, o que no caso particular deste questionário se reveste de particular protuberância porquanto os estudantes têm uma proficiência linguística em português que os enquadra como “utilizadores elementares”⁶⁵. Uma das maiores preocupações na construção do questionário foi precisamente com a objectividade, clareza e simplicidade para garantir que este seria de fácil preenchimento e inteiramente compreendido pelos estudantes de PLE, já que como base da dissertação, o sol à volta da qual gira, é fundamental que o

⁵⁶ Sousa, Maria José; Baptista, Cristina Sales, *op. cit.*, p. 91

⁵⁷ *Ibidem.*

⁵⁸ *Idem*, p. 93

⁵⁹ *Idem*, p. 97

⁶⁰ *Idem*, p. 98

⁶¹ *Idem*, p. 96

⁶² *Idem*, p. 91

⁶³ *Idem*, p. 101

⁶⁴ *Ibidem.*

⁶⁵ Conselho da Europa, *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas*, p. 48-49: os estudantes reúnem características que se situam entre o *Níveis de Referência de Iniciação* e *Elementar*, sendo que segundo o *QECR* os utilizadores que se inserem nestes níveis linguísticos são considerados *Utilizadores Elementares*.

questionário reúna estas qualidades para que a sua aplicação seja bem sucedida e os resultados recolhidos sejam de clara sistematização e análise.

2.2. Inquérito por questionário aos estudantes da SYSU

O questionário é composto por três folhas com dezanove (19) perguntas divididas em três partes. Quatro (4) questões relativas à *Identificação* dos inquiridos, seis (6) na segunda parte, denominada *Conhecimentos Prévios*, com perguntas para auferir o que os estudantes sabiam do universo da língua portuguesa antes de iniciarem a sua aprendizagem e a última com nove (9) questões a que dei o nome de *Mediatismo e Cultura* com um enfoque na relação entre os meios de comunicação e o mundo lusófono. Quanto ao tipo de questão, seis (6) são abertas, cinco (5) são fechadas, quatro (4) de filtro e duas (2) semi-fechadas.

Seguidamente vou apresentar cada uma das partes em pormenor sem esquecer a motivação e o fundamento que me levou a escolher cada pergunta:

IDENTIFICAÇÃO

- 1) Nome:
- 2) Idade:
- 3) Sexo: M () F ()
- 4) Major:

As primeiras quatro questões são, em princípio, as de mais simples interpretação, pois tal como o título sugere, trata-se de pedir aos alunos que comecem por se identificar com o nome (português), a idade, o sexo e o *Major* que frequentam. Embora a questão relativa ao sexo seja fechada e de resposta única, pois só poderão escolher uma de entre duas opções, as restantes três são do tipo aberto. A partir destas perguntas poder-se-ão recolher dados bastante importantes para o conhecimento da amostra em causa, nomeadamente no que se refere à idade, ao sexo e ao tipo de especialidade principal (*Major*) que os estudantes cursam na universidade.

CONHECIMENTOS PRÉVIOS

- 5) Antes de escolher português pensou em estudar alguma outra língua estrangeira como *Minor*?

Sim () Qual?

Não ()

6) Por que motivos decidiu estudar português?

7) Que país(es) de língua oficial portuguesa conhecia antes deste ano lectivo?

8) O que conhecia do mundo lusófono antes de começar a estudar português?

9) Antes deste ano letivo sabia que o português é língua oficial na Região Administrativa Especial de Macau?

Sim (). Este facto teve influência na sua escolha? Sim () / Não ()

Não ()

10) Sabia das relações comerciais entre a China e os países lusófonos?

Sim () / Não ()

Se sim, que países? _____

Este factor fê-lo querer aprender português? Sim () / Não ()

Esta parte do questionário destina-se a tentar discernir quais os conhecimentos que os alunos possuíam antes de iniciarem o estudo do português e é composta por três (3) questões de filtro e três (3) questões abertas. De seguida tratarei de explicar a forma e o propósito de cada uma delas:

5) Primeiro pretendo apurar se os alunos já tinham de antemão o objectivo de estudar português ou se, por outro lado, equacionaram estudar outras línguas estrangeiras como *Minor*. Nessa medida a questão filtra os alunos que pensaram optar por outras línguas antes de estudar português e propõe que refiram essas mesmas línguas. Com esta pergunta é meu intuito descortinar desde já algumas motivações dos alunos, se já tinham alguma consciência ou interesse ou se o seu encontro com o português foi mais ou menos casual;

6) Neste ponto temos uma questão aberta e, também por isso mais concreta, em que os alunos são convidados a enunciar alguns motivos que os levaram a estudar português. Trata-se de perceber pelas suas próprias palavras o que os trouxe a pertencer ao universo de falantes da língua portuguesa;

- 7) Com esta pergunta desejo saber, abertamente, quais os países de língua oficial portuguesa que os alunos conheciam para compreender qual a noção dos jovens (universitários) chineses sobre os países que têm o português de forma oficial. Estando tão longe destes países é interessante averiguar quais os territórios a que os alunos associavam (ou não) a língua portuguesa;⁶⁶
- 8) Além dos países em particular, coloco mais uma questão aberta para que os alunos expressem o que conheciam do mundo lusófono. Isto é, em termos absolutos, o que lhes viria ao pensamento e quais as informações que detinham. Mais uma vez encontro pertinência em descobrir o que um jovem chinês sem ligação aparente ao mundo lusófono conhece sobre o mesmo, se alguns aspectos mais famigerados (praia, futebol, música, etc.) ou se outros menos óbvios e expectáveis que poderão surgir;
- 9) O território de Macau é um determinante elo de ligação entre o mundo lusófono e a Ásia, mas ambiciono compreender se os estudantes tinham consciência sobre tal facto. Da mesma forma que muitos portugueses desconhecem de quanta lusofonia se faz Macau, também muitos chineses ignoram, entre outras coisas, que a língua portuguesa tem o estatuto de oficial naquele espaço. Em anteriores situações alguns estudantes universitários explicaram-me que nas aulas de História da China abordaram parcamente a história da Região Administrativa Especial de Macau, mas sem incidir particularmente na dimensão lusófona. Como se trata de um espaço economicamente muito próspero quis também saber de que modo isso poderia ter influência no estudo de português. Assim, efectuo uma pergunta que na verdade são duas, ou seja, um primeiro filtro, para distinguir quem sabia ou não do facto de Macau ter o português como língua oficial e, para quem responder positivamente, apresento outra pergunta de filtro para auferir se essa condição teve ou não peso na hora de escolher aprender português;
- 10) Com base na minha experiência no meio universitário chinês, apercebo-me de que os estudantes, e não falo apenas dos de português em concreto, embora possam por vezes não ter um acentuado conhecimento geográfico ou cultural sobre os países lusófonos, normalmente têm algumas noções das suas circunstâncias económicas e

⁶⁶ Ponderei fazer esta questão de forma fechada, listando os vários países e territórios de língua oficial portuguesa, mas optei por uma questão aberta para não induzir os alunos a colocar “cruzinhas” ou a referir países que até poderiam não recordar se não estivessem no inquérito.

das relações que estabelecem com a China a este nível. Por um conjunto de razões que já enumerei em pontos anteriores desta dissertação e por haver, inclusive, estudantes de português da área dos Negócios e das Relações Internacionais, elaborei uma pergunta de filtro para identificar se os alunos estariam conscientes das relações socioeconómicas entre a China e alguns países lusófonos e, em caso afirmativo, se isso os fez ou não enveredar pelo estudo de português;

CULTURA E MEDIATISMO

11) Tem facilidade em obter informações sobre o mundo lusófono nos meios de comunicação social chineses?

Sim ()

Não ()

12) Quais são os seus meios preferidos para aceder ao mundo lusófono?

Televisão ()

Rádio ()

Imprensa escrita ()

Livros ()

Internet()

Outros () _____

13) O que costuma consultar sobre o mundo lusófono? Especifique.

Músicas e cantores() _____

Filmes () _____

Desporto () _____

Notícias () _____

Literatura() _____

História () _____

Outros () _____

14) As novas tecnologias são para si fundamentais para aceder ao mundo lusófono?

Sim ()

Não ()

15) O que acha da presença das culturas do mundo lusófono nos meios de comunicação sociais chineses?

Boa ()

Razoável ()

Pouca ()

Inexistente ()

16) Usa o telemóvel para consultar assuntos relacionados com o português?

Sim ()

Não ()

17) Utiliza algum *site* ou aplicação da *internet* para estudar e praticar português?

Sim () Qual ou quais? _____

Não ()

18) Gostaria de visitar, estudar ou viver em algum dos países lusófonos?

Sim () Qual / Quais? _____

Não ()

19) No futuro pensa usar a língua portuguesa a nível profissional?

Sim () Em que área? _____

Não ()

A terceira parte do questionário está relacionada com a fase após os jovens começarem a estudar português e incide na questão cultural e mediática. De grosso modo, está em causa compreender quais os seus interesses culturais, os meios que utilizam para os encontrar e as facilidades ou dificuldades que têm nesse processo. São nove perguntas das quais quatro são fechadas (4), duas (2) semi-fechadas e três (3) de filtro. Segue-se a análise de cada uma das alíneas:

11) Começo esta parte do questionário com uma pergunta fechada sobre a facilidade ou não de se obter informação sobre o mundo lusófono através dos meios de comunicação social chineses, para que os alunos digam de forma directa se acham que é ou não simples obter este tipo de informação. Entendo que a partir daqui

podemos ter uma noção de como a nossa cultura lusófona chega à China e de como é o percurso para os chineses acederem à mesma;

- 12) Neste ponto tento entender quais os meios mediáticos preferidos para acederem ao mundo lusófono. Sendo inequívoco o peso que a *internet* tem actualmente no encurtamento de distâncias, desejo observar se são utilizados outros meios para o efeito e em que medida, pois ajuda-nos a perceber por onde deve o mundo lusófono fazer o seu caminho para ir ao encontro dos (jovens) chineses. É uma questão semi-fechada uma vez que coloco uma série de meios de comunicação que os alunos podem escolher indiscriminadamente, mas com um item denominado “outros” em que podem assinalar e referir que outros meios utilizam para contactar com o mundo lusófono;
- 13) Nesta alínea está a outra questão semi-fechada desta parte do inquérito, em que se solicita aos inquiridos que seleccionem aquilo que mais costumam consultar em português e que especifiquem essas escolhas. Através desta pergunta poderei compreender em pormenor quais os gostos e as pesquisas dos alunos e de que forma fazem a sua própria incursão pelo mundo lusófono. Considero que a informação a retirar desta pergunta poderá vir a ser proveitosa na perspectiva dos agentes de ensino discernirem melhor os interesses dos alunos e usarem esse factor para proveito das aulas de PLE (em termos de visualização e produção recursos audiovisuais, assuntos abordados em aula, trabalhos ou apresentações a realizar, etc.), mas também para quem quer usar os meios de comunicação para divulgar o seu trabalho (músicos, outros artistas, etc.) ou quem faz dos *media* uma fonte de rendimento (publicitários, pessoas ligadas ao chamado *marketing* digital, etc.);
- 14) Neste item, através de uma questão fechada, indago os alunos acerca da importância que concedem às novas tecnologias para se ligarem ao mundo lusófono, ou seja, se consideram ou não que as mesmas são fundamentais para este fim. Formulei esta questão para entender qual o relevo que os estudantes dão às novas tecnologias no seu envolvimento com a língua portuguesa;
- 15) No seguimento da alínea anterior elaboro outra questão fechada onde solicito aos estudantes que se expressem acerca da presença do mundo lusófono nos meios de comunicação social chineses e como avaliam essa mesma situação a partir de quatro hipóteses disponíveis (boa, razoável, pouca ou inexistente);

- 16) A pertinência desta questão sobre o uso do telemóvel ou do *smartphone* para consultar assuntos relacionados com o português reside no facto de os jovens chineses utilizarem imenso este equipamento. A oferta, a procura, a difusão e o uso destes objectos é indubitavelmente distinta daquela que encontramos em Portugal. Por exemplo, recordo uma aula em que ao explicar que fazer compras pela *internet* me sugeria a ideia de um computador, tornou-se algo difícil de conceber pelos alunos quando um telemóvel serve perfeitamente para essa finalidade. Diria que, em geral, para os portugueses que fazem uso das novas tecnologias ainda há alguma diferença entre os diferentes fins para que usamos o computador ou o telemóvel, mas para os jovens chineses em especial, essa diferença talvez não seja tão vincada uma vez que o telemóvel também é largamente usado para efectuar compras, como dicionário na sala de aula, meio para estudar, etc. Com esta questão fechada desejo compreender um pouco melhor estes mesmos assuntos;
- 17) Esta pergunta de filtro procura centrar-se nas ferramentas que os estudantes possam usar para estudar e praticar português, isto é, se usam a *internet* para estudar português e, se sim, quais os *sites* ou aplicações usadas. Preparei esta questão para saber qual a utilidade que as novas tecnologias têm também ao nível da aprendizagem da língua propriamente dita, o que poderá ser também vantajoso em termos metodológicos para quem se ocupa do ensino/aprendizagem da língua com amostras semelhantes e pretende explorar ou até produzir este tipo de recursos didácticos;
- 18) Esta pergunta e a próxima, as últimas do inquérito, tentam abordar um pouco o futuro dos estudantes e os planos que têm em relação à língua portuguesa. Aqui temos uma questão de filtro sobre se equacionam visitar, estudar ou viver em algum dos países lusófonos e em caso afirmativo em que país(es) em concreto. Convém frisar que se tratam de estudantes de *Minor* e o português uma língua opcional, pelo que nem sempre dão continuidade ao seu estudo depois da universidade;
- 19) Na sequência da anterior, surge outra questão para filtrar quem pretende vir a fazer uso do português em termos profissionais e em que área de actividade. Julgo ser igualmente importante analisar a vertente profissional, os estudantes que encaram a língua portuguesa como uma possibilidade de trabalho e em que área específica, o que poderá dar não só informação acerca dos seus objectivos para com o português,

mas também alguns indicadores da procura e das pretensões profissionais por parte dos cada vez mais numerosos aprendentes chineses de português.

3. Leituras e inferências dos inquiridos

3.1. *Nota preambular*

O questionário foi preenchido pelos estudantes no final do primeiro ano lectivo de estudo (2012/2013), numa altura em que a proficiência para compreenderem e se expressarem em português era já suficiente para este efeito. Embora da universidade façam agora (2013/2014) parte duas turmas de português (uma de primeiro e outra de segundo ano - como já fiz referência), considero que, para efeitos de exposição e análise do questionário e dos respectivos resultados, quando me refiro aos estudantes ou alunos, refiro-me unicamente aos que são parte integrante deste estudo. Antes dos questionários finais terem sido entregues aos alunos, estes estiveram em contacto com uma versão anterior do mesmo para averiguar se este seria bem aceite, inteligível para todos e se as perguntas, bem como a linguagem usada, se adequavam. Este “pré-teste”⁶⁷ serviu de ensaio geral e permitiu a afinação de algumas questões e de certos vocábulos menos familiares para os estudantes que foram revistos, de modo a “evitar a não-resposta por incompreensão ou erros graves na recolha de dados”⁶⁸. Para atestar a clareza e a facilidade de preenchimento elucidei introdutoriamente que o questionário seria para ajudar a perceber as motivações dos alunos para estudar português, os seus contactos prévios com o mundo lusófono e, principalmente, tentar identificar qual a influência dos meios de comunicação neste processo, explicando cada parte do questionário e medindo a compreensão de cada pergunta, através de um nível de língua em conformidade com a sua aprendizagem, mas com o cuidado de não me prolongar em demasia a fim de “evitar um nível muito aprofundado de compreensão”⁶⁹ que poderia suscitar “erros de formulação”⁷⁰ ou influenciar as respostas dos inquiridos. Esta verificação foi proveitosa pois permitiu apurar algumas perguntas, tomar

⁶⁷ Sousa, Maria José; Baptista, *op. cit.*, p. 100

⁶⁸ *Idem*, p.102

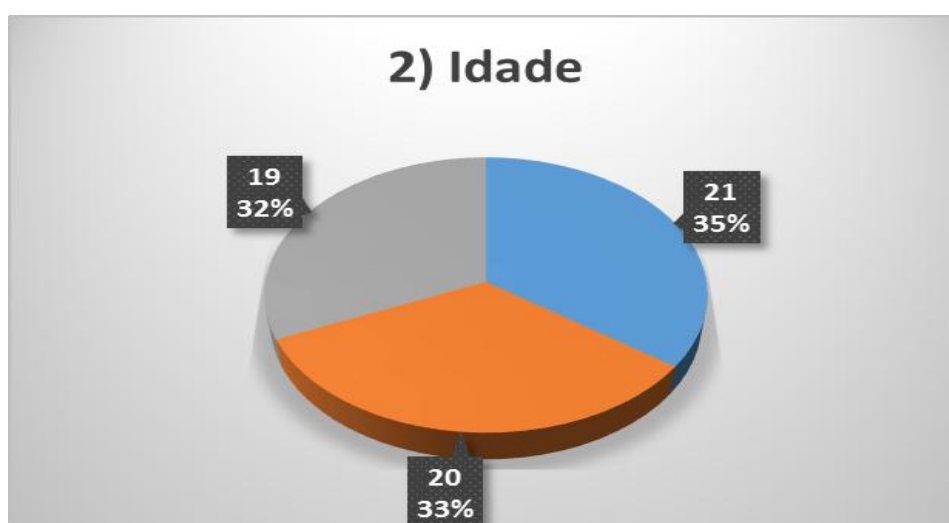
⁶⁹ *Idem*, p.101

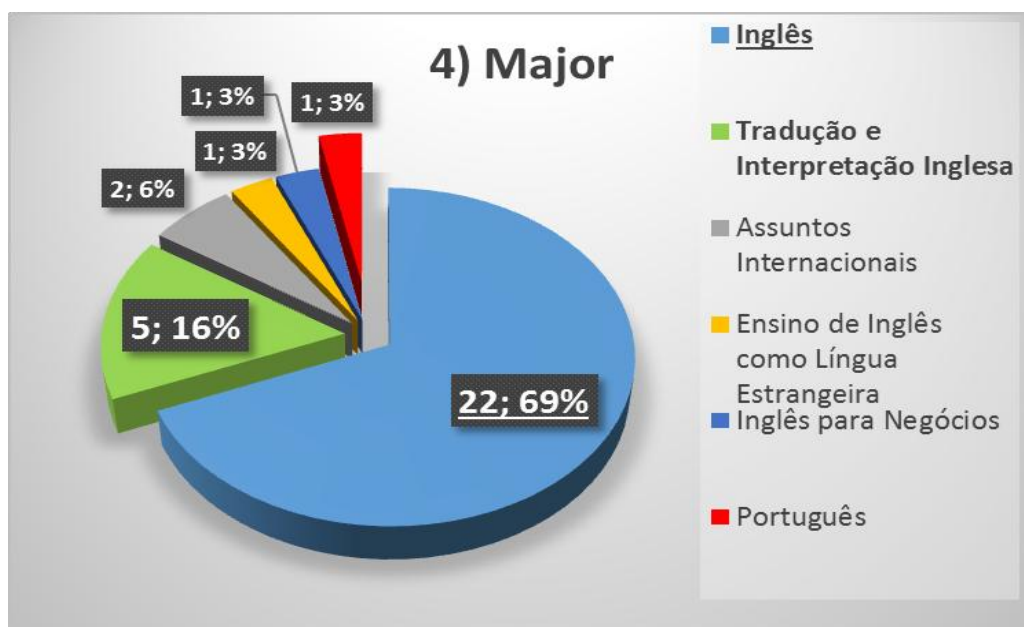
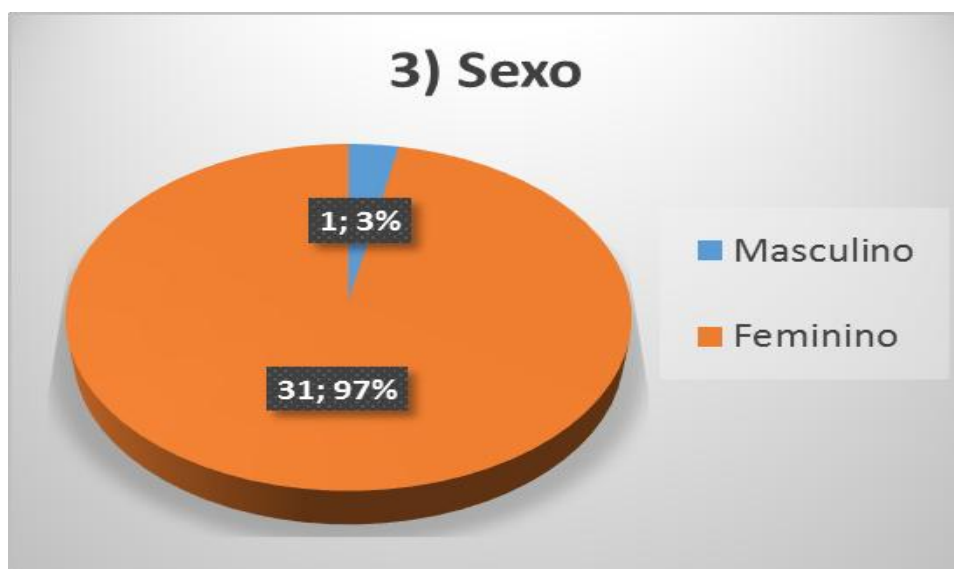
⁷⁰ *Ibidem*.

consciência de como o inquérito seria recebido pelos estudantes e assegurar as condições necessárias para a sua aplicação, não evitando, contudo uma ou outra resposta menos adequada ao teor da pergunta.

3.2. *Leituras dos Inquéritos*

Os resultados dos inquéritos irão ser apresentados em forma de gráficos que incluem o número absoluto de inquiridos que responderam de determinada forma às questões juntamente com o valor percentual que esse número de inquiridos representa no universo total dos 32 estudantes. O título dos gráficos será o mesmo das perguntas do questionário a que estes correspondem. As diferentes respostas serão demarcadas com diferentes cores e os gráficos terão uma forma circular dividida em várias partes ou “fatias” consoante as distintas respostas. Normalmente, em algumas questões, a resposta mais representativa e escolhida por mais inquiridos aparecerá sublinhada para se destacar das outras. Por fim, em baixo de cada gráfico, ou grupo de gráficos, além de uma pequena legenda, procurarei descrever os resultados obtidos e registar a minha interpretação dos mesmos. A leitura dos dados relativos à “cultura e mediatismo” será feita de forma mais diferenciada no ponto denominado “Encontros mediático de culturas” que se encontra mais adiante nesta dissertação. Segue-se a apresentação dos gráficos:





Os três gráficos acima são relativos às perguntas nº2, 3 e 4 que compõem a primeira parte do questionário, denominada “Identificação”.

A amostra é constituída por 32 alunos com idades que vão desde os 19 aos 21 anos, faixa etária que se poderá considerar perfeitamente comum no final de um primeiro ano de estudo universitário. Quanto ao sexo, constatamos que de entre 32 estudantes apenas um é do sexo masculino. A predominância do sexo feminino é uma característica bem reveladora do tipo de público que actualmente estuda português na China. É verdade que se trata de uma Escola de Estudos Internacionais, onde predominam os cursos vocacionados para línguas e para o ensino, normalmente associados a um público feminino um pouco por toda a parte, mas é expressivo que as mulheres marquem presença em larga maioria e denotador do perfil dos novos membros

da lusofonia provenientes deste país asiático. Em termos de *Major*, os estudantes provêm de Inglês, sendo que 70% referiu Inglês, sem mais especificações, seguido de Tradução e Interpretação Inglesa e Assuntos Internacionais. Houve um estudante que adiantou frequentar “português” como Major o que denota que mesmo apesar do pré-teste surgiu esta resposta enviesada, fruto de uma má interpretação.

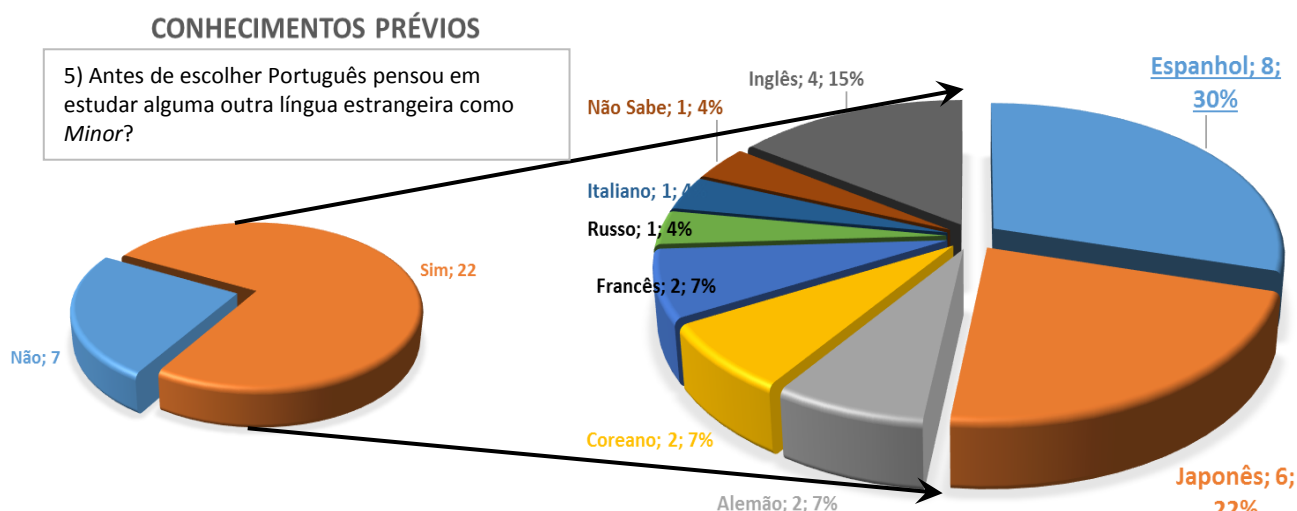


Gráfico relativo à pergunta nº5 do questionário que introduz a parte “Conhecimentos Prévios”.

Grande parte dos inquiridos demonstrou intenção de estudar outra língua estrangeira antes de se iniciar no português. No que respeita às línguas que os alunos também pensaram seguir antes de enveredar pelo português, destaca-se o espanhol, uma língua com algumas semelhanças com o português, não só em termos etimológicos, mas sobretudo a nível de geoestratégia e valor económico. Segue-se o japonês, que se pode justificar pela proximidade geográfica com a China e até pelos interesses dos estudantes chineses na cultura japonesa, uma vez que entre outras coisas consomem várias séries, músicas e *cartoons* provenientes deste país do extremo oriente. Surge também a língua coreana que apresenta algumas semelhanças com a língua japonesa em termos de motivações para estudar a língua. Referência também para o alemão, o francês, o italiano ou o russo, sendo que à excepção do italiano, todas as línguas referidas no gráfico se podem aprender na SYSU. Houve ainda três alunos que inclusive pensaram em seguir mais do que uma língua antes do português, como se poderá verificar no gráfico seguinte. Chamo só a atenção para o facto de quase todas as línguas latinas

estarem presentes nestes resultados e para o facto de a maioria destas línguas estarem associadas às economias mais poderosas do planeta.

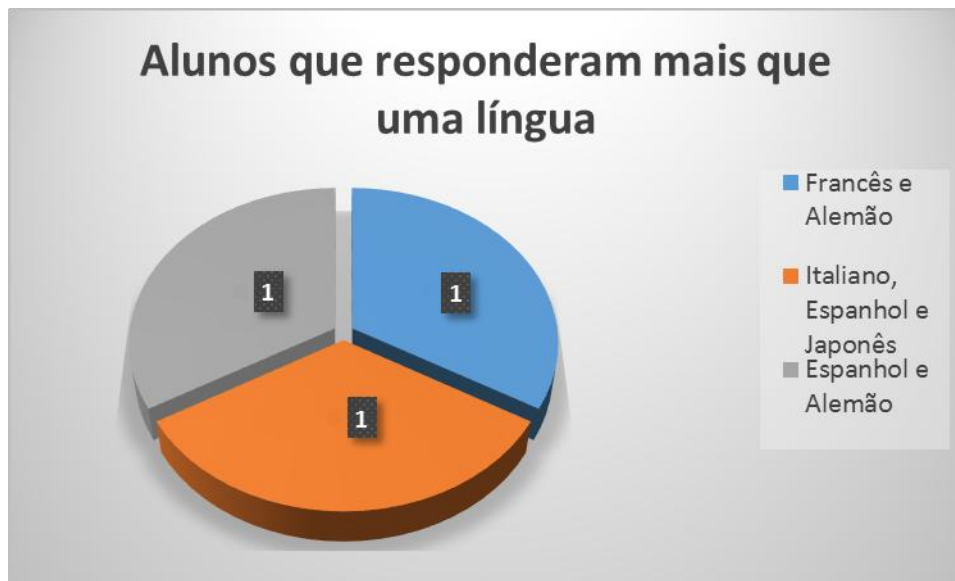


Gráfico também relativo à pergunta nº5 que representa os três alunos que ponderaram estudar mais que uma língua antes de se decidirem pelo português.

6) POR QUE MOTIVOS DECIDIU ESTUDAR PORTUGUÊS?

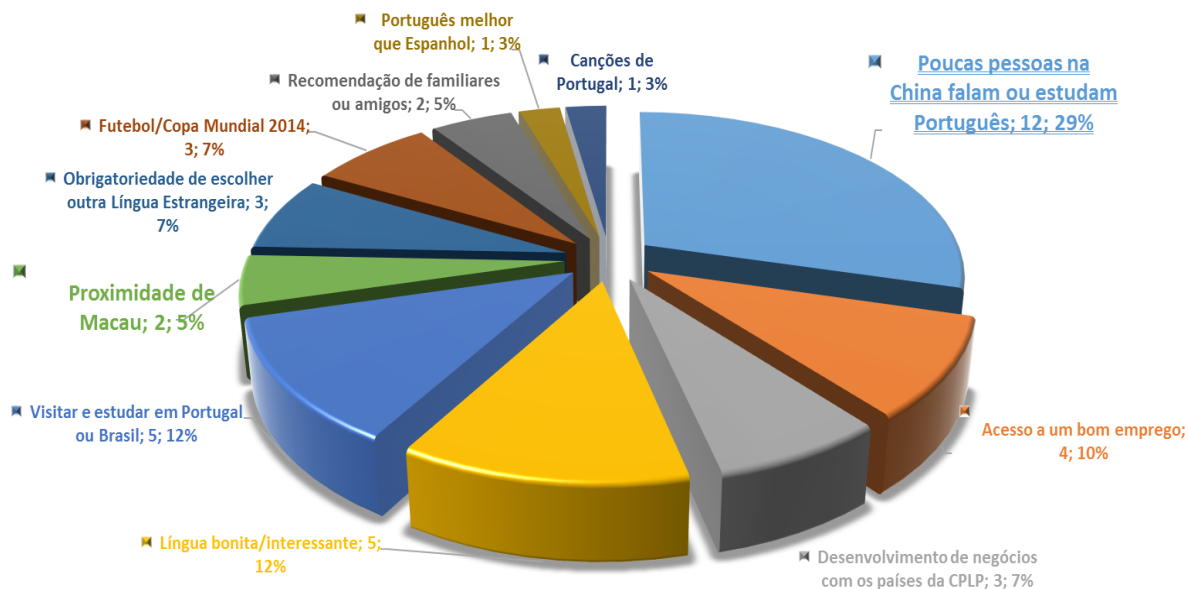


Gráfico sobre a pergunta nº 6 do questionário.

Em relação aos motivos que levaram os estudantes a optar pelo português notamos que há aqui uma visão clara da língua portuguesa como uma oportunidade de emprego. O facto de “poucas pessoas” dominarem o português na China foi o argumento mais usado (12 estudantes), assim como outros na mesma linha como

“acesso a um bom emprego” (4) ou o desenvolvimento de “negócios com países da CPLP” (3). Duas respostas com algum peso foram o facto de o português ser uma “língua bonita e interessante” (5) e a possibilidade de “visitar ou estudar” em Portugal ou no Brasil (5). Alguns alunos (3) destacaram a importância do futebol através do campeonato mundial desta modalidade desportiva a ter lugar no Brasil, enquanto outros três tiveram a honestidade de reconhecer que optaram pelo português apenas porque tinham a obrigatoriedade de estudar outra língua estrangeira. Com menos participação surgem outras respostas como a “proximidade com Macau” (2 inquiridos) e a “recomendação de amigos ou familiares” que aconselharam o estudo do português (2). Nota ainda para duas respostas, um inquirido que disse estudar português pelo interesse nas “músicas de Portugal” e outro que por entender que o “português é melhor que o espanhol”, denotando alguma ponderação prévia entre o português e o espanhol antes de tomar a decisão.

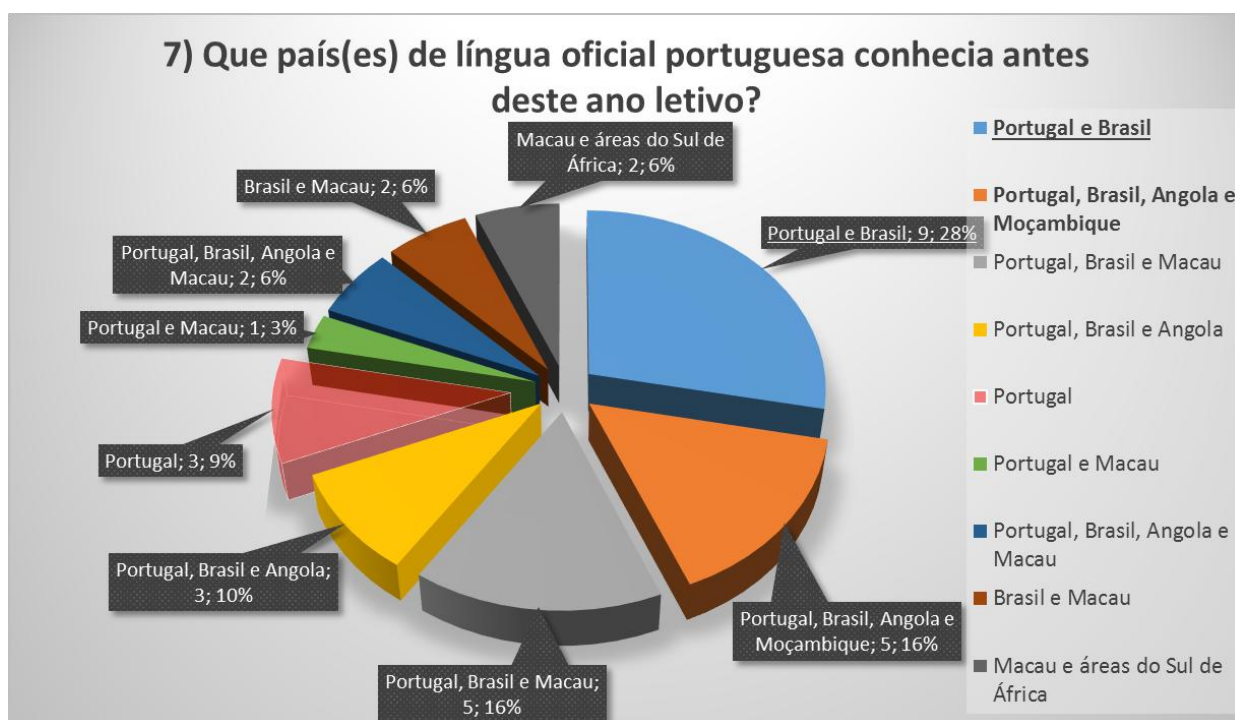


Gráfico ilustrativo dos resultados da sétima pergunta do questionário.

Em termos dos países com língua oficial portuguesa que os alunos conheciam antes de contactar directamente com o português, a resposta mais dada foi “Portugal e Brasil” com nove dos 32 alunos a designar estes dois países. Em segundo lugar aparecem duas respostas com o mesmo número de ocorrências; por um lado cinco alunos referiram “Portugal, Brasil, Angola e Moçambique” enquanto outros cinco referiram “Portugal, Brasil e Macau”. Na terceira posição também temos duas respostas

referidas por três alunos, “Portugal” e “Portugal, Brasil e Angola”. Seguidamente “Portugal, Brasil, Macau e Angola”, “Brasil e Macau” e “Macau e áreas do Sul de África” foram mencionadas por dois estudantes. Por último, um estudante revelou conhecer “Portugal e Macau”. Em baixo efectuei um gráfico onde poderemos ver estes números em termos individuais, isto é, apresento individualmente o número de vezes que cada país foi referido.

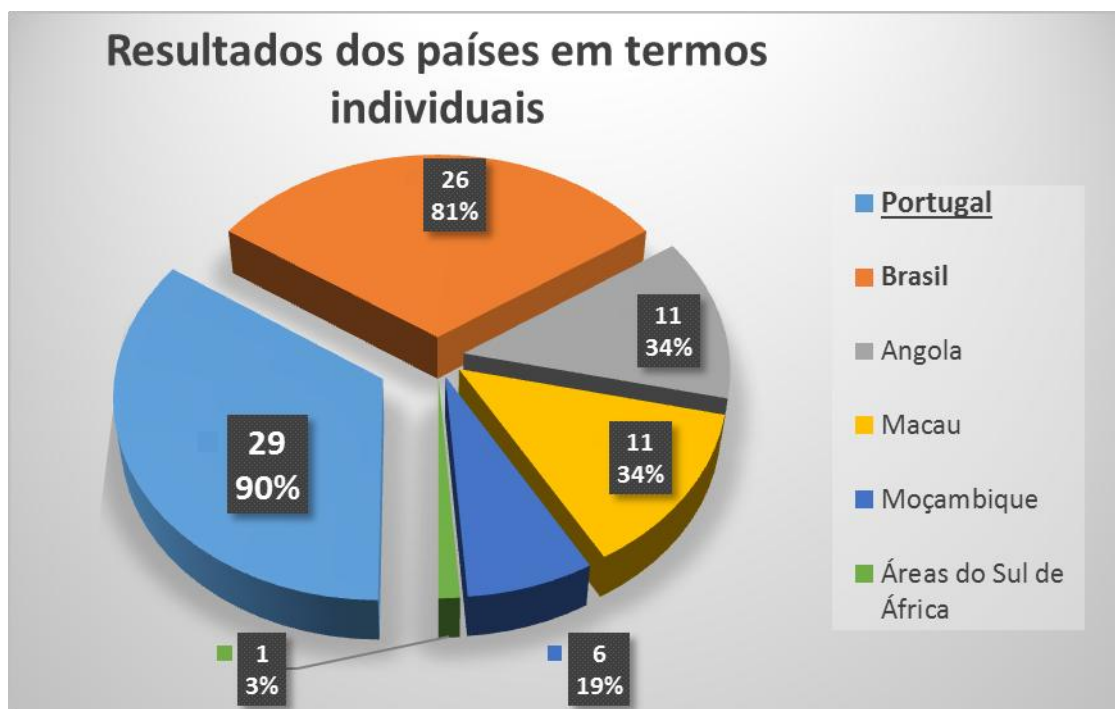


Gráfico ainda relativo à sétima pergunta que apresenta em termos individuais o número vezes em que cada país lusófono foi citado.

Constata-se que Portugal (90% dos estudantes) e Brasil (81%) são os países mais conhecidos. Depois, com bastante diferença, surgem Angola e Macau ambos referidos por 34% dos inquiridos. Há ainda a registar Moçambique reconhecido por 19% dos alunos, ao passo que um aluno, com um peso de cerca de 3% da amostra, respondeu também “Áreas do Sul de África”. Esta denominação justifica-se não só pela proficiência elementar em português mas também pelo facto de os maiores países falantes de português em África se situarem precisamente no sul deste continente. Verifica-se que são apenas referidos quatro países da CPLP, havendo um desconhecimento total acerca dos outros países africanos bem como de Timor-Leste. Um terço dos alunos referiu Macau (que não é um país, bem-entendido), mas de outra perspectiva é interessante ver que dois terços não mencionou Macau, ou seja, é comum haver na China continental bastantes chineses que desconhecem que a língua portuguesa

tem o estatuto de oficial naquele território. Em suma, é com alguma naturalidade que vemos aqui representadas as quatro economias mais poderosas da CPLP, além de Macau, e que Portugal e Brasil sejam os países mais conhecidos dentro dos países lusófonos.

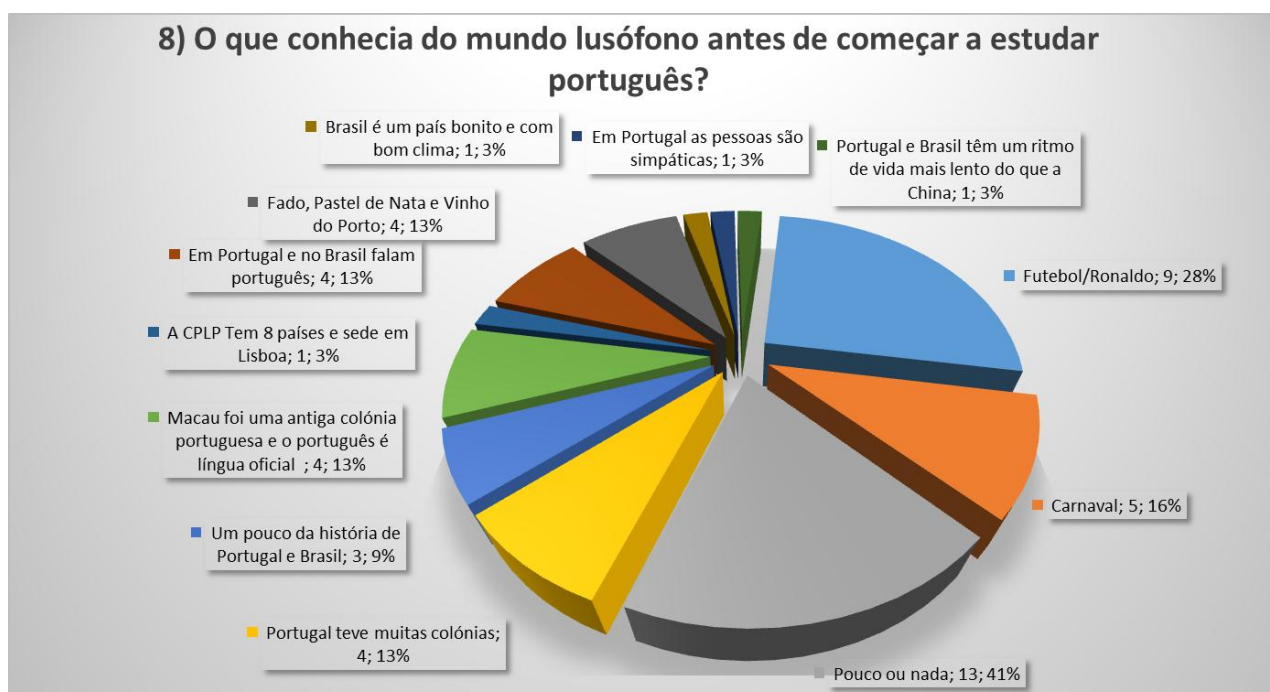
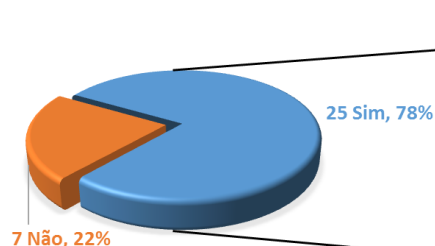


Gráfico com os resultados da questão nº8.

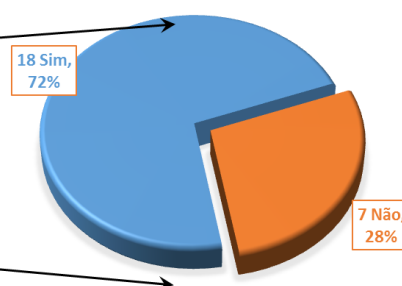
Este gráfico expressa os resultados de uma questão aberta em que os alunos poderiam descrever o que conheciam do mundo lusófono antes de começarem a estudar português. Desse modo a resposta que mais ocorreu foi um franco “pouco ou nada” com 41% de participação (13 dos 32 inquiridos), seguido das referências ao “Futebol” e a “Ronaldo” a reunirem 28% dos estudantes. O Carnaval (16%) e alguns produtos portugueses mais conhecidos fora de portas como o “fado, o pastel de nata e o Vinho do Porto” (13%) foram mencionados por quatro estudantes. Com o mesmo número de ocorrências surge a noção de que em “Portugal e no Brasil falam português” (13%) e que “Macau foi uma antiga colônia portuguesa onde o português é língua oficial” (13%). Três alunos (9%) disseram conhecer “um pouco da história de Portugal e do Brasil” enquanto quatro respostas ocorreram somente uma vez tendo um valor percentual de 3% cada uma: “A CPLP tem oito países e sede em Lisboa”, “em Portugal as pessoas são simpáticas”, “o Brasil é um país bonito e com bom clima” e “Portugal e Brasil têm um ritmo de vida mais lento do que a China”.

Quase metade dos alunos declarou pouco ou nada conhecer previamente sobre o mundo lusófono, o que nos diz que mesmo com a dimensão e crescente destaque dos países lusófonos persiste um desconhecimento generalizado, o que é até natural dada a distância a que os países se encontram. Por exemplo, se tentarmos fazer um exercício de inversão de papéis, o que conhecerá um cidadão português comum sobre a China para além de alguns lugares comuns?.. Por falar em ideias generalizadas surge uma série de aspectos como o futebol, Cristiano Ronaldo, o Carnaval, o pastel de nata, o fado, o Vinho do Porto, tudo valores bem emblemáticos dos países lusófonos (sobretudo Portugal e Brasil). Interessante também a alusão à CPLP, proveniente de uma estudante de Assuntos Internacionais e a menção de algumas noções sobre a história de Portugal, do Brasil e principalmente de Macau como ex-colónia portuguesa, reveladoras de um conhecimento mais académico sobre o assunto. Por fim temos mais algumas ideias quase generalizadas como o facto de em Portugal as pessoas “serem simpáticas” ou o Brasil ter um “bom clima e ser bonito”, uma visão algo redutora e estereotipada que se consubstancia, por exemplo, na afirmação de que Portugal e Brasil têm um “ritmo de vida mais lento” do que a China. De modo geral, há a assinalar o desconhecimento que os estudantes possuíam em relação ao mundo lusófono, a noção de alguns símbolos ou estereótipos dos países em causa e alguns conhecimentos que envolvem uma noção um pouco mais profunda da história ou das relações económicas e diplomáticas.

9) ANTES DESTA ANO LETIVO SABIA QUE O PORTUGUÊS É LÍNGUA OFICIAL EM MACAU?



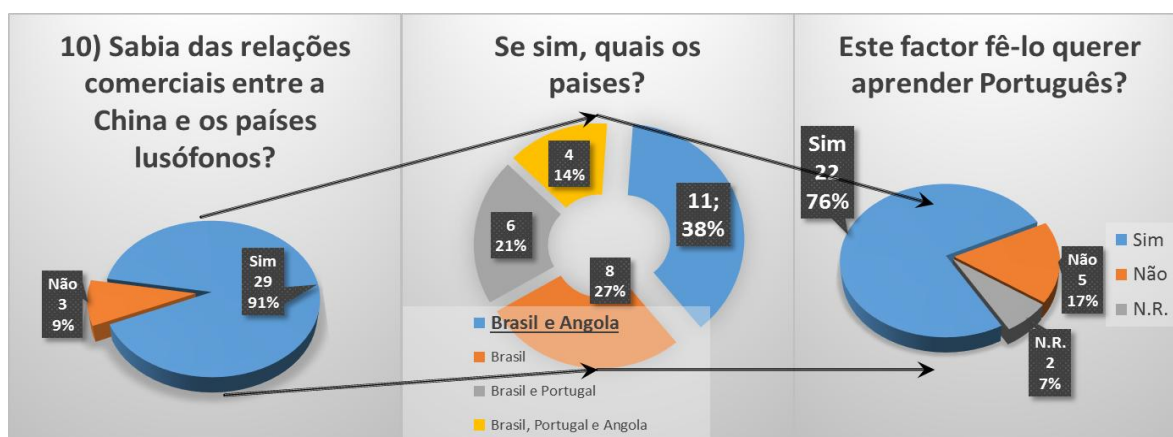
ESTE FACTO TEVE INFLUÊNCIA NA SUA ESCOLHA?



Gráficos relativos à 9ª pergunta do questionário.

A maior parte dos alunos (78%) tinha conhecimento de que a língua portuguesa é oficial na Região Administrativa Especial de Macau enquanto 22% admitiram que não. Este desconhecimento é considerável tendo em conta que estamos a

falar de território chinês, mas por outro lado Macau é uma pequena cidade dentro de um enorme país por isso é natural que alguns cidadãos chineses desconheçam este facto, sobretudo se não tiverem referências sobre o passado desta antiga colónia portuguesa. Por outro lado, dos 25 estudantes que tinham consciência de que em Macau a língua portuguesa é oficial, 18 (72%) admitiram que este factor teve influência na altura de optar pelo português. Este facto pode-se explicar não só pelas oportunidades profissionais neste território, que alguns alunos já referiram ter tido em conta, mas também porque a SYSU se encontra numa cidade que faz fronteira com Macau, onde os alunos poderão praticar e dar seguimento à aprendizagem do português. Há aqui uma certa reciprocidade pois quer os alunos queiram visitar, estudar ou até viver ou trabalhar em Macau o português ser-lhes-á bastante útil, mas também podem servir-se de Macau para desenvolver o português ao longo do curso universitário. Macau pode apresentar-se assim como um meio para desenvolver a proficiência em português ou um fim para o qual os alunos de português se focalizam.



Gráficos sobre a pergunta nº10 dos inquéritos

Os resultados deste gráfico são bastante interessantes. Primeiro salta à vista que há uma forte consciência económica das relações entre os países da CPLP e a China. 91% dos estudantes sabiam de antemão das relações comerciais entre este grupo de países. Também é interessante observar que “Brasil e Angola” são os países mais mencionados e que apenas Brasil, Angola e Portugal surgem na lista de países acerca dos quais os estudantes conheciam as suas ligações comerciais à China. É curioso verificar que Portugal é o país mais reconhecido quando se fala em língua oficial portuguesa, mas em termos de economia e relações comerciais Portugal surge bem atrás de Brasil e Angola. É visível que mesmo não havendo uma grande conhecimento - “pouco ou nada” - em termos culturais, geográficos, históricos, etc. os alunos possuem

uma noção bastante acertada e actual de quais são as economias mais fortes no espaço da CPLP e das relações que estabelecem com a China. Esta visão vincadamente económica teve reflexo também no facto de a maioria dos estudantes optar pelo português, pois 76% reconheceu a influência das relações comerciais na decisão de estudar a língua de Camões.



Gráfico com os resultados da 11ª questão, a primeira da última parte do questionário – “Cultura e Mediatismo”

Em relação à facilidade de obter informação sobre o mundo lusófono nos meios de comunicação social chineses, vinte alunos (62%) respondem afirmativamente enquanto doze (38%) respondem negativamente. Começamos este ponto de cultura e mediatismo por verificar que quase dois terços dos estudantes demonstram dificuldades em alcançar informação nos *media* o que demonstra os obstáculos que se apresentam aos estudantes mesmo quando fazem a sua própria incursão pelo português.

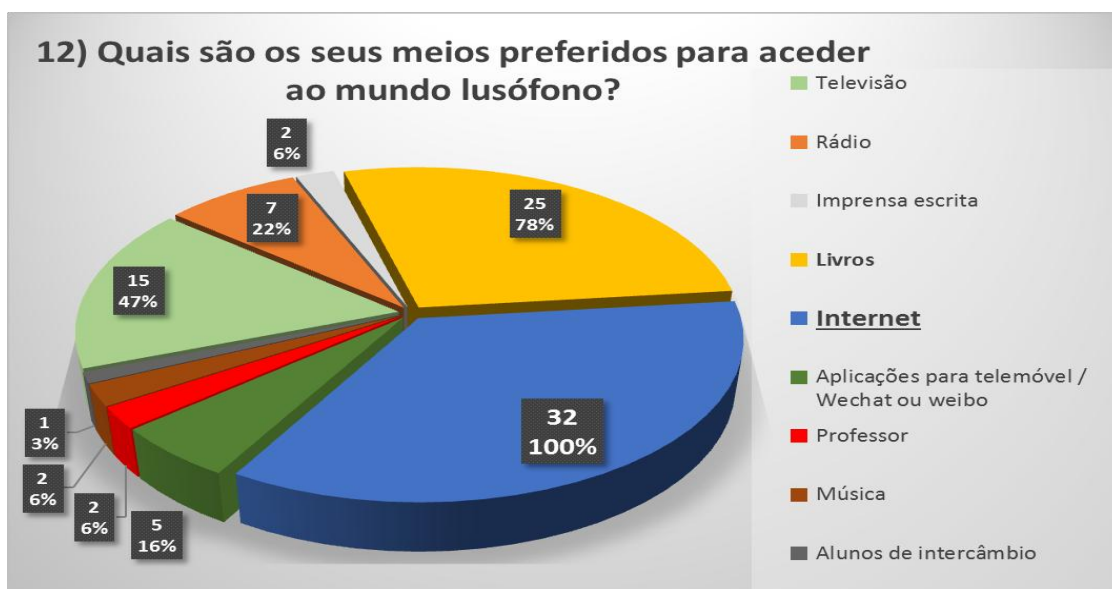


Gráfico sobre a pergunta nº12 do questionário.

Recordo que esta era uma questão semi-fechada na qual os inquiridos podiam escolher livremente um ou mais itens de entre televisão, rádio, imprensa escrita, livros, *internet* ou outros – neste último poderiam acrescentar outros meios normalmente usados para aceder ao mundo lusófono. A totalidade dos alunos reconheceu utilizar a *internet* para contactar com o mundo lusófono o que mostra a força deste meio como o mais importante elo de ligação entre os estudantes e a cultura lusófona fora do espaço da sala de aula. 78% dos alunos aludiu também à importância dos livros para contactar com o mundo lusófono, 47% referiu a televisão, 22% a rádio e 16% as aplicações para telemóvel (mencionadas no item “outros”). 6% dos inquiridos referiram contactar com o mundo lusófono através da música, 6% pela imprensa escrita e outros 6% através do professor. Por último 3% afirmou que os alunos portugueses de intercâmbio ajudam a estabelecer esta ponte entre a China e a cultura lusófona. Além da *internet*, também se salienta o uso considerável de outros meios mais tradicionais como os livros, a televisão (também *online*, creio) ou a rádio que comprovam que apesar da hegemonia da *internet* as outras fontes continuam a ter bastante procura para aumentar a proficiência na língua e o conhecimento da cultura inerente. Adianto novamente que mais à frente neste trabalho debruçar-me-ei com mais profundidade sobre estes resultados.

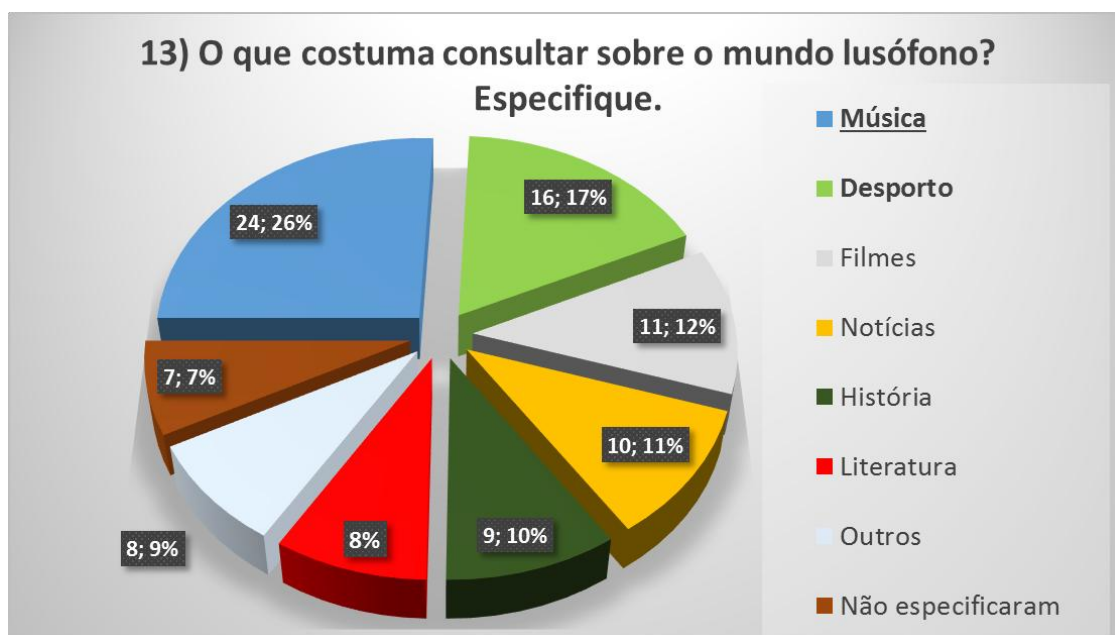


Gráfico correspondente à questão nº13.

Relativamente aos temas consultados pelos alunos, a “música” está no topo das preferências com 24 estudantes a revelarem que costumam fazer pesquisas sobre música lusófona. O “desporto” surge como o segundo tema mais procurado com 16 estudantes a referirem-no, seguido dos “filmes”, assinalados por 11 estudantes, as “notícias” (10), a “história” (9) e a “literatura” (8). Houve também oito alunos que optaram pelo item “outros” para acrescentar pesquisas que não se incluem em nenhum dos pontos anteriores. Através destes dados verifica-se que os jovens chineses interessam-se por conhecer a música, o desporto, os filmes, mas também a história ou a literatura, interesses perfeitamente comuns a todos os jovens e recorrentes quando se aprende uma nova língua estrangeira. Uma vez que foi pedido aos estudantes que especificassem as suas consultas em cada um destes temas, nos gráficos em baixo está uma análise mais pormenorizada. Convém notar, no entanto, que nem todos os estudantes efectuaram esta especificação, daí que possa haver alguma disparidade entre números. Por exemplo, 16 alunos disseram consultar assuntos relacionados com o desporto, mas só 14 especificaram as suas pesquisas.

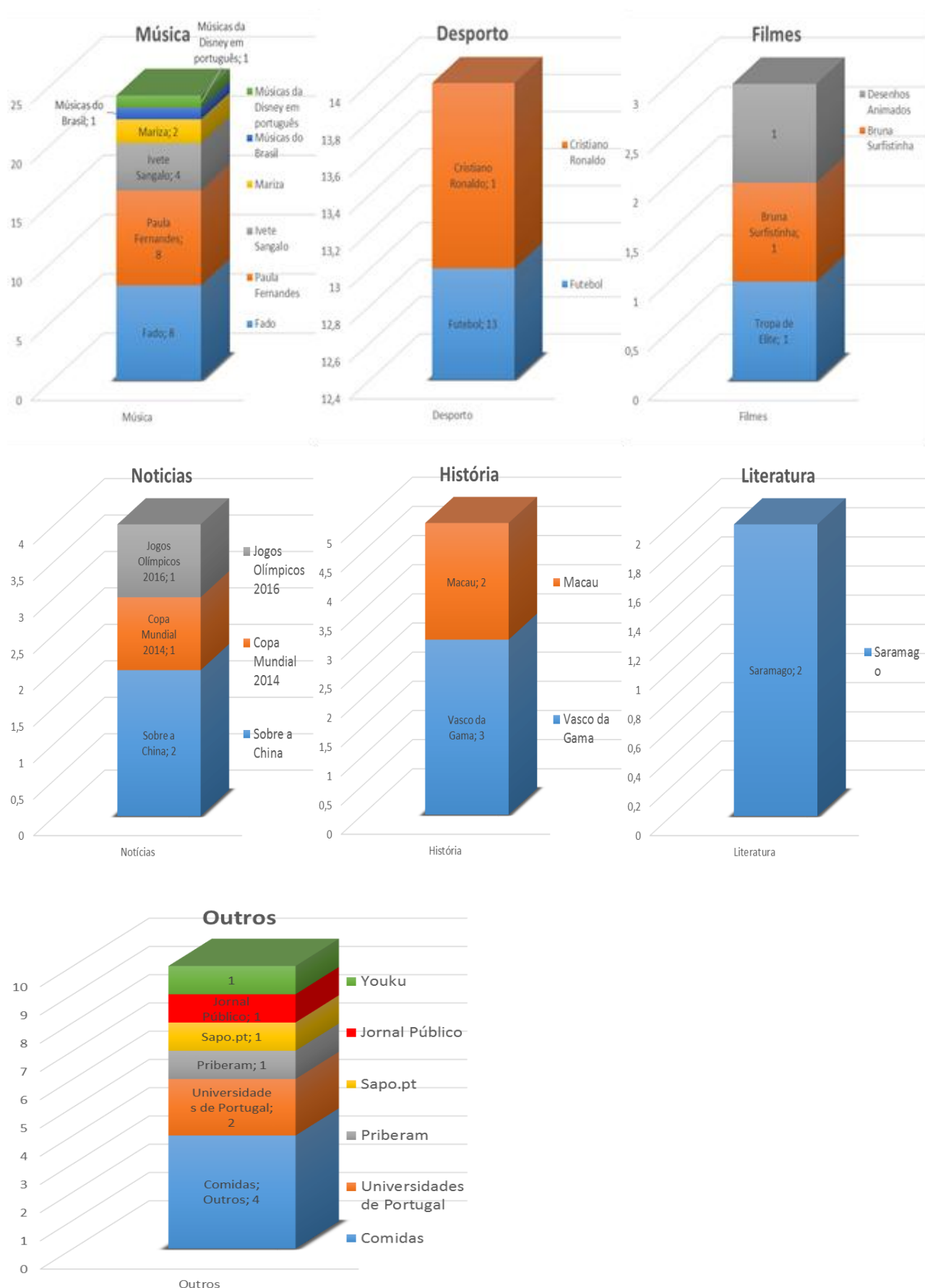


Gráfico também relativo à 13ª questão que apresenta o que os inquiridos costumam consultar sobre o mudo lusófono de forma mais pormenorizada.

Como se pode verificar nos gráficos, em termos de música lusófona o mais consultado é o Fado juntamente com a jovem artista brasileira Paula Fernandes, ambos com oito alunos interessados. O nome de Ivete Sangalo foi mencionado por quatro alunos ao passo que a fadista portuguesa Mariza foi referida duas vezes. A expressão “músicas do Brasil” e “músicas da Disney em português” foram registadas uma vez cada uma. É notória a admiração pelo Fado, assim como de artistas de música romântica (muito apreciada pelos jovens chineses) brasileira com vozes melífluas e joviais. Também aqui é possível observar o interesse pela música do Brasil em geral (é verdade que há mais conteúdos provenientes do Brasil na *internet*) e pelas músicas da Disney, já que os jovens chineses, especialmente do sexo feminino, interessam-se bastante sobre o universo dos *cartoons* ou desenhos animados. É curioso em termos de pesquisas que exista esta simultaneidade entre as músicas mais joviais e um estilo de música mais tradicional como o Fado, sinal de que este está de boa saúde e continua a suscitar bastante interesse, inclusive no estrangeiro.

A nível de desporto temos o futebol, citado por 13 alunos, e Cristiano Ronaldo (uma referência) o que denota a hegemonia que o futebol tem a nível de pesquisas desportivas. Um dos factores pelo qual o mundo lusófono é internacionalmente conhecido, ainda mais com um Mundial prestes a começar no Brasil e o melhor e mais mediático jogador do mundo, o futebol destaca-se relativamente a outros desportos e revela-se uma das imagens mais emblemáticas do mundo lusófono.

Foram poucos os filmes especificados, um aluno referiu o filme brasileiro “Bruna Surfistinha”, um filme que relata a história de vida de uma jovem brasileira; outro aluno mencionou “Tropa de Elite”, que aborda a questão da polícia e da segurança nas favelas brasileiras e outro estudante aludiu aos “desenhos animados”. É evidente a maior visibilidade dos filmes brasileiros dentro do espaço lusófono, não só porque produzem mais filmes, mas porque os divulgam mais também. Sublinho aqui “Tropa de Elite”, um dos filmes mais conhecidos do Brasil, mas que, juntamente com outros, por vezes pode levar à criação de alguns estereótipos sobre criminalidade, insegurança ou violência se as pessoas não tiverem outros conhecimentos acerca da realidade do país. Tenho reparado que este género de filmes induz os espectadores menos informados acerca da realidade brasileira a incorrer nesse tipo de ideias pré-concebidas e normalmente um pouco desfasadas da verdade. Não concluo esta parte sem abordar mais uma vez os “desenhos animados”, um interesse bastante comum nos jovens asiáticos que têm uma grande admiração por este género de filmes, séries, livros, etc., é

recorrente usarem os telemóveis para ver este tipo de séries ou falarem deste tipo de personagens mesmo nos intervalos das aulas.

No que concerne às notícias que os estudantes consultam, mais uma vez o destaque vai para o desporto. Um inquirido refere o “Mundial de Futebol de 2014” e outro os “Jogos Olímpicos de 2016”, dois eventos extremamente mediáticos que vão ter lugar em solo brasileiro e que não só atraem a atenção dos jovens universitários chineses como fazem com que queiram aprender a língua portuguesa para poder vir a marcar presença nestes acontecimentos, como aliás me confidenciaram algumas alunas a propósito dos próximos Jogos Olímpicos. Há ainda outros dois alunos que afirmam pesquisar notícias “sobre a China” nos *media* portuguesas, o que lhes pode permitir perceber qual a informação e a imagem da China que chega ao *outro* e, eventualmente, ter acesso a notícias que não são veiculadas dentro de portas devido a algumas restrições à liberdade de informação.

Nas consultas realizadas sobre história registam-se três alunos que referiram Vasco da Gama e dois que escreveram Macau, o que nos remete para um dos períodos mais dourados da História de Portugal no qual se encetaram, por exemplo, as relações com a China e que por isso desperta interesse nos estudantes universitários chineses. A História de Macau e de Vasco da Gama ajudará a perceber melhor de que modo o mundo lusófono se formou e como chegou ao continente asiático e à China em particular.

Em termos de literatura, oito alunos demonstraram consultar este tema, mas apenas dois nomearam um autor, José Saramago. Este é um autor português bastante traduzido e com alguma fama no panorama literário chinês, tendo inclusive um nome chinês, isto é, um nome que resulta da adaptação fonética do seu nome Saramago para chinês, o que é revelador do hábito que tem de ser usado neste país. Para quem conhece a vida e obra deste autor, o único português premiado com o Nobel da literatura, não será uma grande surpresa que reúna tamanha admiração no seio da República Popular da China.

Além dos temas anteriores, os outros interesses que os estudantes indicaram incluem as “comidas” (4 alunos), as “universidades de Portugal” (2), o dicionário *online Priberam* (1), o portal português *Sapo* (1), o jornal *Público* (1) e o *Youku* (1), um *site* chinês idêntico ao *Youtube*, até no nome. Neste ponto há a salientar a presença da comida, mais um dos símbolos de Portugal e do mundo lusófono que também desperta curiosidade entre os jovens estudantes. Em seguida estão as “universidades de Portugal” pois os alunos já estarão a tentar conhecer melhor as instituições nas quais poderão

estudar após dois anos de português na SYSU; depois aparecem algumas fontes que indiquei como o dicionário *Priberam*, o portal *Sapo* e o jornal *Público* para a consulta de palavras ou pesquisa de notícias e demais informações. Em relação ao *Youku*, trata-se de um *site* de vídeos que contém bastantes conteúdos sobre o mundo lusófono, principalmente música e futebol e quase na totalidade provenientes do Brasil.

Nos interesses dos estudantes inserem-se diferentes assuntos dos mais lúdicos aos mais didáticos o que demonstra que os temas das pesquisas são muito variados e as novas tecnologias essenciais como aliás se poderá ver no gráfico seguinte.

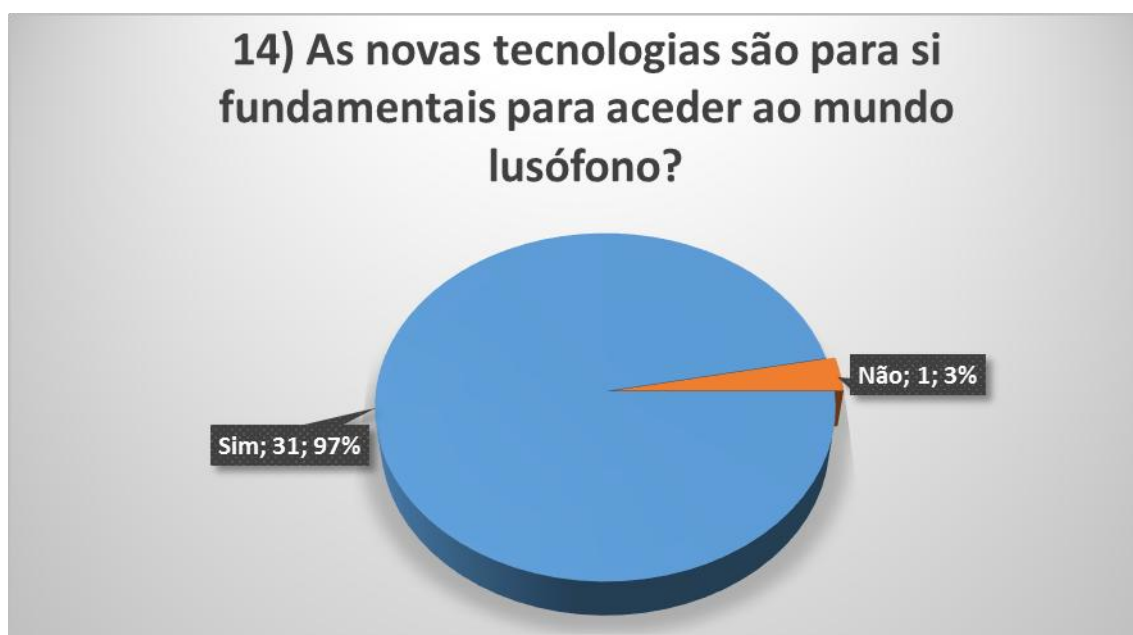


Gráfico da 14ª pergunta do questionário.

É indubitável a importância que os estudantes atribuem às novas tecnologias no que respeita ao contacto que estabelecem com o mundo lusófono, pois apenas um admitiu que as novas tecnologias não são fundamentais para esse fim.



Gráfico com os resultados da 15ª pergunta do questionário.

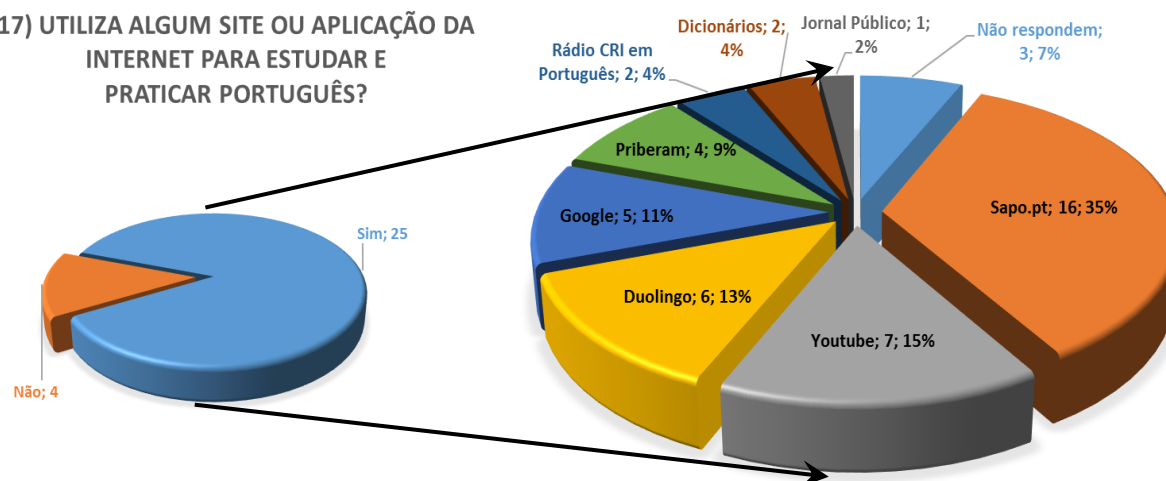
Dos 32 alunos, a maior parte dos alunos (20) elegeu a opção “pouca” para definir a presença das culturas do mundo lusófono nos meios de comunicação chineses, o que é bastante expressivo. Alguns alunos (7) entenderam ser “razoável”, um (1) optou mesmo por “inexistente” para caracterizar essa presença e apenas quatro (4) julgaram ser “boa”. Sublinho aqui o pouco peso do mundo lusófono nos meios de comunicação sociais chineses, bem evidente na opinião dos inquiridos.



Gráfico sobre a 16ª questão do questionário.

Mais de dois terços dos estudantes (22) usa o telemóvel para consultar assuntos relacionados com o português o que mostra a importância destes dispositivos na interação com a língua portuguesa. Parte dos inquiridos (9) confessa não usar o telemóvel para este fim; houve ainda um inquirido que não respondeu a esta questão.

17) UTILIZA ALGUM SITE OU APLICAÇÃO DA INTERNET PARA ESTUDAR E PRATICAR PORTUGUÊS?



Gráficos decorrentes da 17ª pergunta do questionário.

A maioria dos estudantes (78%) afirmou usar *sites* ou aplicações da *internet* com o objectivo de estudar e praticar português. Estes estudantes, quando lhes foi solicitado que enumerassem essas fontes, referiram sobretudo o portal português *Sapo.pt*, o *Youtube*, a aplicação *Duolingo* (que permite aprender várias línguas), o motor de busca *Google*, alguns dicionários como o português *Priberam*, mas também o jornal *Público* e a rádio *CRI* em português, uma rádio pública chinesa que entre outras línguas também emite em português. Neste gráfico há a destacar a predominância do portal *Sapo* que permite ver notícias e uma série de informações sobre Portugal e o mundo além do *Youtube* e do *Google* para pesquisa de várias e distintas matérias sobre a língua portuguesa, embora na China o uso destes dois últimos *sites* tenha fortes condicionalismos como mais adiante explicitarei. De referir ainda o uso de dicionários como o *Priberam*, um dos dicionários portugueses *online* mais fidedignos, a alusão ao jornal *Público*, um jornal de referência em Portugal, e a rádio *CRI* cuja emissão é integralmente em português. É notória (e louvável – para mim que sou professor) a intenção de os estudantes contactarem e explorarem a língua portuguesa apesar de alguns destes sítios da *internet* serem um pouco difíceis dado o nível de proficiência que possuem em português.

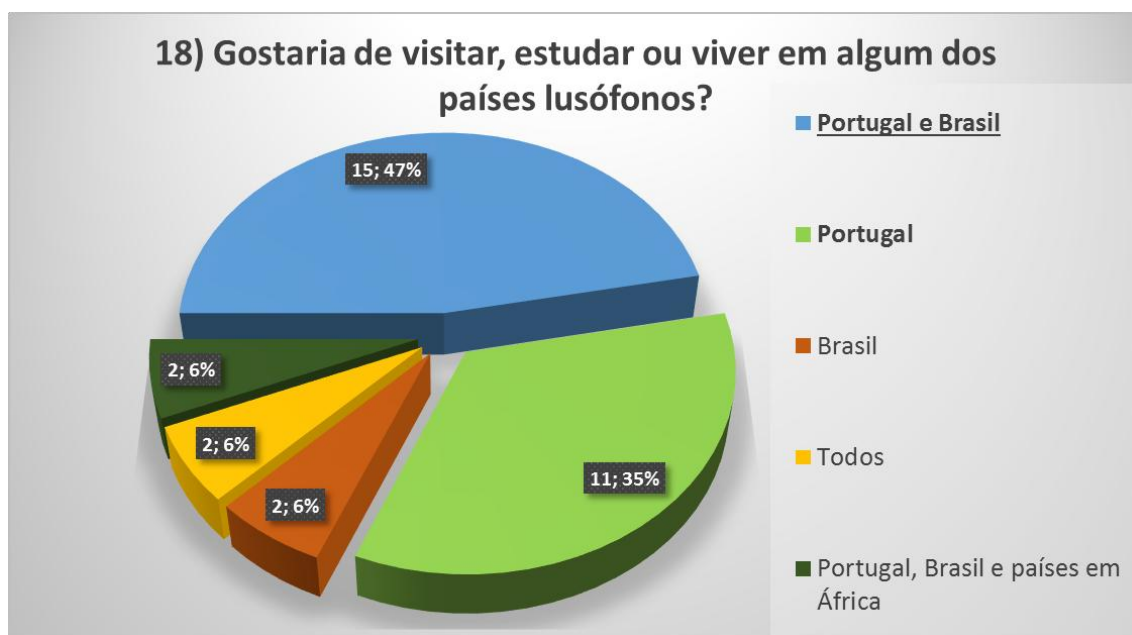
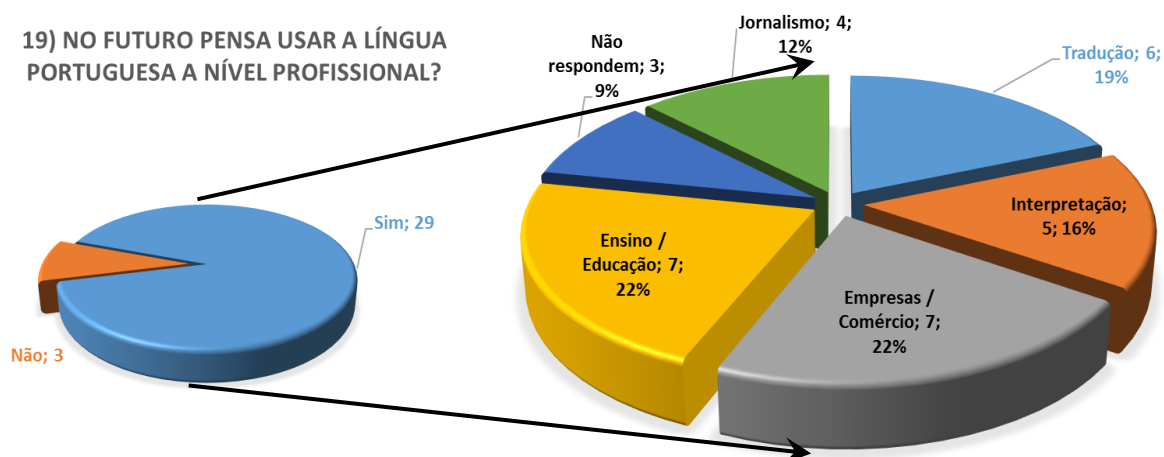


Gráfico da 18ª pergunta do questionário.

Cerca de metade dos estudantes inquiridos (15) reconheceu que gostaria de visitar, estudar ou viver em Portugal e no Brasil, citando estes dois países em conjunto. Onze (11) estudantes citaram apenas Portugal e dois (2) o Brasil. Outras duas (2) estudantes afirmaram gostar de marcar presença em “todos” os países lusófonos, tal como outros dois (2) que mencionaram “Portugal, Brasil e países em África”. Nesta questão há a destacar a predominância de Portugal e Brasil como destinos preferidos dentro dos países lusófonos o que é de certa forma natural. Em termos absolutos Portugal é o país mais referido, o que se poderá explicar de várias formas como o facto de o professor ser português, haver protocolos já existentes com universidades portuguesas ou a maior distância e desconhecimento em relação ao Brasil. De referir ainda que apenas dois dos inquiridos referem “países em África” o que revela alguma desconfiança que os chineses ainda possuem acerca destes países.



Gráficos com os dados recolhidos da 19ª e última pergunta do questionário.

Uma expressiva maioria dos inquiridos (29) revelou pretender usar futuramente a língua portuguesa em termos profissionais, sendo que apenas três (3) negaram essa hipótese. Existe um grande equilíbrio em termos das áreas profissionais nas quais os estudantes pretendem vir a usar o português. O “Ensino/Educação” (7), as “Empresas/Comércio” (7), bem como a “Tradução” (6) e a “Interpretação” (5) apresentam números bastante próximos. Registam-se ainda alguns estudantes (4) que pretendem fazer uso do português no jornalismo. Estas são algumas das áreas mais procuradas para quem domina várias línguas e que se relacionam também com as áreas de estudo que os alunos frequentam nas suas licenciaturas.

Inferências

Depois da interpretação dos resultados vou indicar alguns conceitos e ideias-chave que sobressaem da leitura dos mesmos para assim ensaiar uma síntese do ponto anterior:

Público feminino: Na amostra deste estudo está em indiscutível maioria. É um factor elucidativo do perfil da maior parte dos aprendentes de português na China, importante para todos os que trabalham na área do PLE, mas também nas vertentes a jusante, como a profissional, comercial ou até mediática. A título de exemplo adianto ainda que dois de três alunos do sexo masculino da turma inicial não transitaram para o

2º semestre deste primeiro ano o que quiçá poderá ser indiciador da pertinácia e dedicação com que as mulheres enfrentam o estudo de uma língua tão distinta e da sua presença em maior número relativamente ao sexo masculino.

Major: Os cursos de *Major* - ou licenciaturas, numa adaptação livre do termo à realidade portuguesa – que os alunos frequentam estão ligados ou à economia/comércio (Inglês para Negócios, Relações Internacionais e Tradução ou Interpretação, de forma mais indirecta) ou ao ensino/educação (Chinês para Estrangeiros). Este segundo ramo, em que os futuros professores de chinês aprendem português, pode representar, passe a expressão, “o outro lado da barricada”, isto é, a noção de que muitas pessoas do espaço lusófono estão a querer aprender chinês por motivos semelhantes, por conseguinte, tentar desta forma chegar a esse mercado. No fundo, no que às licenciaturas que escolhem o português diz respeito, a força motriz não deixa de ser a economia e os seus desígnios.

Economia: Conceito fulcral e absolutamente incontornável em tudo o que envolva as relações sino-lusófonas. É curioso constatar que os inquiridos demonstram poucos conhecimentos prévios sobre o mundo lusófono (com o futebol, o Carnaval e Macau a sobressaírem), mas a consciência das ligações económica entre estes países é esmagadora e com expressiva influência na opção de estudar português. Deste conceito englobante decorrem outros.

Empregabilidade: Existe uma assumida procura do português por este motivo. “Poucas pessoas estudam português na China”, “língua importante no mundo e com futuro”, “encontrar uma boa empresa”, são argumentos bastante usados e determinantes na hora de enveredar pelo português. Há inclusive quem revele ter sido aconselhado por familiares nesta escolha o que revela uma interessante percepção do valor económico e profissional que a língua portuguesa possui actualmente. Os inquiridos indicam maioritariamente que pretendem vir a trabalhar com o português sobretudo nas áreas do comércio, ensino e tradução. “Há a ideia de que aprender português é uma garantia de empregabilidade. Os estudantes chineses acham que lhes abre portas no jornalismo, na diplomacia e nas empresas”⁷¹

⁷¹ ANDRÉ, Carlos Ascenso, em Entrevista concedida a Manuela Goucha Soares, Ensino de Português Cada Vez Mais Procurado entre os Chineses, *Expresso*, Lisboa, 30 de Outubro de 2013,

É a expressão da moda no mundo das Relações Internacionais. Tem voado de tal forma que o presidente chinês, Ju Hintao, a referiu em 2007 dizendo que a China precisava de investir mais no desenvolvimento do seu “soft power”. (...) As descrições estruturais do poder ignoravam a capacidade de obter resultados preferenciais através da atracção. O poder tem três aspectos: militar, económico e “soft” e é um erro ignorar qualquer um dos três.⁷²

Soft Power: Expressão recorrente quando se aborda esta certa abertura das entidades chinesas empenhadas em transmitir uma imagem mais atractiva e estabelecer um diálogo intercultural de maior qualidade. Falar a língua do outro tem também a vantagem de permitir estabelecer uma relação mais abrangente e efectiva a nível económico e demonstra ao mesmo tempo um esforço de aproximação para com o outro. Os inquiridos neste estudo possuem um nível de inglês muito alto, aliás, o inglês está presente em todo o percurso escolar dos estudantes chineses, pelo menos, até ao exame final de acesso à universidade e há uma noção cada vez mais generalizada de que é necessário munirem-se de outra língua para uma maior vantagem competitiva no que respeita à empregabilidade. Para esse efeito o português é uma boa oportunidade, mas não só...

Espanhol: A língua que mais estudantes admitiram ter pensado estudar antes de se decidirem pelo português. Uma língua global, que permite aceder a um vastíssimo número de falantes espalhados por vários territórios. É língua oficial de alguns países com economias emergentes e por todas estas razões apresenta imensas semelhanças com o português em termos geoestratégicos. Possui mais tradição e dimensão no seio desta instituição, aliás, lembro que, à imagem do que acontece em várias universidades pelo mundo fora, o português foi integrado no departamento de espanhol.

Portugal e Brasil: A esta distância estes dois países são os que de longe granjeiam mais notoriedade dentro do espaço lusófono, embora haja uma elevada consciência do peso de Angola em termos das relações comerciais – mais uma vez a

(<http://expresso.sapo.pt/portugues-e-a-lingua-da-moda-e-do-emprego-na-china=f838497#ixzz2x9nyur69> – acesso em 01/11/2013)

⁷² S. NYE, Joseph, em Entrevista concedida a Mafalda de Avelar, Portugal Deve Usar o “Soft Power” da sua Língua e Cultura, *Económico*, Lisboa, 18 de Março de 2012, (http://economico.sapo.pt/noticias/portugal-deve-usar-o-soft-power-da-sua-lingua-e-cultura_140482.html – acesso em 04/11/2013)

dimensão económica. Antes de começarem a estudar português os conhecimentos que possuíam sobre o espaço lusófono eram poucos e praticamente reduzidos a alguns lugares-comuns dos quais se destacam o Carnaval, o futebol (e “Ronaldo”), a referência a Macau, o pastel de nata⁷³ ou o Vinho do Porto. De assinalar ainda uma alusão à CPLP e outra aos BRICS⁷⁴. Portugal e Brasil são também os destinos predilectos para visitar, estudar ou trabalhar.

Os *media*: São fundamentais para recolher informação sobre o mundo lusófono, esta é a primeira conclusão que se pode verificar. Todos os inquiridos referiram a *internet* como meio preferido, sendo que grande parte usa também o telemóvel para esse fim. Também a televisão e a rádio têm um peso significativo, no entanto, apesar da relativa facilidade em obter informação, os estudantes confessam que existe pouca presença do mundo lusófono nos meios de comunicação chineses. A facilidade de obter informação poder-se-á explicar também pelo uso de VPN's,⁷⁵ muito comuns por entre os jovens chineses, pois permitem pular sobre a censura de alguns sítios interditos como o *Facebook*, *Twitter*, *Youtube* e às vezes o *Google* ou o *Gmail*. As novas tecnologias possibilitam fazer do mundo um espaço mais curto e permitem também reunir uma série de conhecimentos, embora nem sempre fidedignos ou produtivos, de forma relativamente autónoma consoante os interesses de cada um. Os elementos da amostra em causa servem-se destes meios disponíveis para contactar com a língua portuguesa de diferentes formas e buscar diversos tipos de informação sobre temas lusófonos, manifestando interesse em ampliar os seus conhecimentos e aprofundar os que já possuem.

Cultura e Mediatismo: Em termos culturais, a música é o que os alunos mais revelam procurar. Segue-se o desporto, filmes, notícias em geral, mas também história, literatura ou gastronomia. Quase todos afirmam também usar as novas tecnologias para estudar ou praticar português. De notar ainda a predominância do Brasil nas músicas,

⁷³ A província de Cantão, e Macau em particular, tem um doce típico de inspiração portuguesa que se assemelha em tudo ao pastel de nata, excepto no sabor.

⁷⁴ Expressão inglesa que denomina o grupo de países economicamente emergentes que inclui o Brasil, a Rússia, a Índia, a China e África do Sul (South Africa, no original).

⁷⁵ VPN é a sigla inglesa para Virtual Private Network. Normalmente consiste num programa informático que se instala no computador e permite aceder à *internet* através de fontes alternativas. Particularmente usados quando os servidores de *internet* bloqueiam o acesso a certas páginas e, por esse motivo, bastante comuns na China.

filmes e notícias pesquisadas (Jogos Olímpicos de 2016 e o Mundial de Futebol de 2014, por exemplo) que se poderá justificar pela hegemonia do Brasil relativamente aos outros países lusófonos no espaço da *internet*. Esta e outras particularidades serão analisadas mais pormenorizadamente no ponto seguinte deste trabalho.

4. Encontros mediáticos de culturas

Lusofonia na *China.com*

Os *media* representam uma porta aberta para o mundo e neste caso para a lusofonia em particular, por isso é bastante proveitoso para um professor perceber qual o uso e a interacção que os seus estudantes têm com os mesmos. É interessante na medida em que proporciona uma noção mais definida de quais os gostos e interesses dos alunos e permite aproveitar esse facto para ir ao encontro das pretensões dos alunos enquanto aprendentes. Por outro lado, possibilita compreender melhor a quantidade de informação que os alunos recolhem e quais as fontes ou meios por onde estabelecem esse contacto com a cultura lusófona, o que permite ter uma ideia concreta dos meios usados, das suas vantagens e lacunas e de como orientar os alunos nessa busca autónoma de conhecimentos. Antes de avançar, para clarificarmos o perfil da amostra em causa, não poderemos deixar de ter em conta que é formada por (32) estudantes de *Minor*, língua opcional, que embora conscientes do valor actual da língua portuguesa e motivados por irem desenvolver os seus estudos em Portugal ou no Brasil nem sempre dedicam ao português o mesmo tempo e atenção do que às disciplinas relativas aos seus *Majors*.

Por ordem crescente, os meios preferidos para contactar com o mundo lusófono são os estudantes de intercâmbio (referido por um dos inquiridos) que estudam chinês nesta universidade, sendo que existe apenas um estudante proveniente de Portugal. O professor, a música, a imprensa escrita e algumas aplicações para telemóvel foram mencionadas por dois dos inquiridos. Três alunos disseram usar uma rede social para comunicar por telemóvel denominada *Wechat*, semelhante a outra mais conhecido no ocidente chamada *WhatsApp*. A rádio foi indicada por cerca de um quarto (7) e a televisão por quase metade (15) como meio preferido para chegar ao mundo lusófono. De salientar aqui a proximidade geográfica com Macau, por um lado, que tem uma estação de televisão exclusivamente em português (TDM – Teledifusão de Macau) e

uma rádio pública chinesa que também emite em português e da qual falarei mais adiante. Grande parte dos alunos (25) referiu também a preferência pelos livros, o que nos remete não só para os manuais usados na sala de aula, mas também para os livros e revistas escritas em português ao dispor na biblioteca e no departamento. A *internet*, sem grande surpresa, surge como o principal meio para estabelecer a ponte entre a China e demais informação sobre os países da CPLP. A grande maioria dos 32 estudantes inquiridos, exceptuando um deles, afirmou serem fundamentais as novas tecnologias da comunicação para aceder ao mundo lusófono, reconhecendo assim a sua relevância no processo de aquisição da cultura e da língua portuguesa. Quanto à obtenção de informações nos *media* chineses, quase dois terços (20) consideram ter facilidade em fazê-lo, ainda que o mesmo número de alunos (20) admita depois que seja pouca a presença do mundo lusófono. Apenas sete inquiridos entendem que é razoável e ainda menos (quatro) acham boa a presença nesses mesmos *media*. Um número apreciável de estudantes (22) afirmou, inclusive, usar o telemóvel para consultar assuntos relacionados com o português.

Na questão relativa ao que costumam consultar sobre o mundo lusófono, os alunos expuseram abertamente os seus interesses. Em primeiro lugar surge a Música, referida por 24 estudantes. Destes, a maior parte tem preferência por Fado e pela jovem cantora brasileira Paula Fernandes. Alguns mencionaram a também artista brasileira Ivete Sangalo enquanto outros a fadista portuguesa Mariza. Há ainda um aluno que diz ouvir as “músicas da *Disney* em português” e outro que refere vagamente o interesse pelas “Músicas do Brasil”.

Depois segue-se o Desporto com 16 interessados e onde se alude maioritariamente ao futebol e a Cristiano Ronaldo. Depois surgem os Filmes com 11 estudantes que optam por filmes brasileiros como “Tropa de Elite” ou “Bruna Surfistinha” e “desenhos animados”. Uma dezena de estudantes disseram consultar Notícias sobre a China, sobre economia, mas também a “Copa Mundial de 2014” e os “Jogos Olímpicos de 2016”, o que também nos remete para a importância dos eventos desportivos. Segue-se História com 9 inquiridos, onde apenas se fala de Vasco da Gama e Macau e a Literatura com 8 interessados, mas somente com José Saramago a ser indicado. Por último surge o item Outros onde são visíveis os interesses pelas “comidas”, “universidades de Portugal” e o “*Youku*”, equivalente chinês do *Youtube*. Aparecem igualmente o dicionário português *online* de nome *Priberam*, o portal de

Internet português *Sapo* e o Jornal *Público*, cujo interesse advirá da influência do professor uma vez que os dei a conhecer aos alunos.

É notório o predomínio de fontes provenientes do Brasil nos assuntos mais procurados, o que é de certa forma natural dado ser largamente o maior país da CPLP e o mais presente e disseminado no espaço da *internet*. Nesta autobiografia já fiz referência ao facto de o português ser umas das mais fortes línguas nas principais redes sociais ditas ocidentais e isso se dever-se-á em grande parte ao número de usuários brasileiros. No *Youku* (rede social semelhante ao Youtube) ou no *QQ*, que inclui um serviço de correio electrónico semelhante ao *Gmail* e uma rede social do género do *Facebook*, os vídeos colocados, as notícias e a informação veiculada sobre o mundo lusófono provêm principalmente do Brasil. Outro aspecto curioso é que quando os alunos têm de fazer trabalhos que envolvam pesquisa e produção de texto, normalmente redigem-nos sempre com alguns vocábulos do português americano (fenômeno, bonde, terno, etc.) logo desde o primeiro ano, antes ainda de aprenderem as diferenças entre as variantes do português, ou seja, mesmo para efeitos de ensino de língua e de estudo, o português do Brasil é dominante na *Internet*.

A propósito, no que concerne a estudar e praticar português quase todos os alunos (28) declararam usar sítios da *Internet* ou aplicações para esse fim, o que demonstra também a importância dos *media* no estudo da língua portuguesa.⁷⁶ Mais uma vez temos o portal português Sapo em grande maioria (16), seguido do *Youtube* (7), ao qual os alunos acedem através de uma VPN, e da aplicação para telemóvel Duolingo (6). Esta aplicação permite praticar diversas línguas, apresentando-se como uma espécie de jogo em que o usuário tem de desbloquear vários níveis à medida que vai respondendo acertadamente às perguntas e avançando. Tem essencialmente uma componente linguística e disponibiliza português (do Brasil). Depois surge o *Google* (5), o conhecido motor de busca, seguido do dicionário *Priberam* (4). Outros três alunos afirmam usar dicionários nos seus telemóveis para praticar português, mas este número é manifestamente inferior à realidade, isto é, a totalidade dos alunos chineses faz uso dos seus telemóveis para consultar os dicionários de português-chinês (e vice-versa) nas aulas. É muito comum nos estudantes chineses usarem dicionários de línguas que se assemelham a calculadoras comuns, mas mais recentemente têm surgido aplicações de

⁷⁶ Bem-entendido que qualquer uso da língua e cultura, mesmo que recreativo, é passível de se considerar como estudo, mas aqui refiro-me ao uso com uma intenção didáctica ou pedagógica.

melhor qualidade e os estudantes têm deixado de comprar essas pequenas “calculadoras” para fazer uso dos dicionários directamente através do seu telemóvel. De referir que na China a quantidade de *smartphones* aos dispor dos cidadãos e o número de dispositivos utilizados é incomparavelmente maior do que em Portugal, por exemplo. Por último, dois estudantes inquiridos revelaram estudar português através da Rádio CRI em português, uma rádio pública da China (um género de Rádio Difusão Portuguesa) que de entre as suas várias emissoras possui uma rádio que emite em português que se torna útil para praticar português e ficar a par das músicas e notícias do mundo lusófono. A propósito, esta rádio emite também em Portugal durante algumas horas por dia com um programa inserido na rádio ribatejana Íris FM. Manifestamente, é expressivo o número de estudantes chineses que faz uso da Internet para estudar português, desse modo qualquer plataforma (dicionário, prontuário, jogo, etc.) com qualidade que se produza para aprender português terá certamente muita utilidade no seio dos aprendentes de português na China.

Quanto mais distante está o objecto de interesse mais os *media* adquirem preponderância e se destacam como verdadeiros meios de comunicação ao colocar diferentes realidades e culturas distintas em diálogo. Os *media* são sem sombra de dúvida fundamentais para os aprendentes de português na China e hoje em dia esta relação entre mediatismo e cultura faz-se quase em absoluto dentro do espaço da *Internet*. Os alunos chineses utilizam os *media* para estudar, mas, sobretudo, para fins recreativos, adensarem os seus conhecimentos e verem satisfeita a sua curiosidade por assuntos que vão desde as músicas, os filmes, o futebol até à história ou literatura. Não creio que isto difira muito em relação a estudantes de outras partes do mundo, mas estou seguro de aqui se poderá revelar de maior protuberância dada a distância e o relativo e generalizado desconhecimento sobre o mundo lusófono. O aumento progressivo do número de falantes de português e a procura crescente de aprender esta língua faz com que seja necessário contrariar a menor dimensão do mundo lusófono nos meios de comunicação social chineses e marcar maior presença, efectuar um estudo da realidade local e escolher os canais indicados para o fazer. A título de exemplo, relato o caso de uma produtora vinícola portuguesa que este ano efectuou uma mostra dos seus vinhos em Shenzhen, próspera cidade chinesa também situada no delta do Rio das Pérolas e que faz fronteira com Hong Kong. Esta produtora de vinhos divulgou o evento em português e em chinês, mas fê-lo na rede social *Facebook*, sendo que os chineses (salvo pontualíssimas excepções) pura e simplesmente não usam o *Facebook*, entre outras

coisas, porque o seu acesso está proibido neste país. Procurei de várias formas, alertei algumas pessoas e não encontrei qualquer informação sobre o evento nas redes sociais chinesas. Isto é não só revelador do desconhecimento da realidade chinesa e de uma evidente falha na relação entre mediatismo e cultura, mas serve também de paradigma sobre o que não se deve fazer (e o que não se deve desconhecer) quando se pretende chegar a este público. Todas as redes sociais ditas ocidentais têm um equivalente em chinês que funciona segundo os mesmos moldes e que supre as mesmas necessidades comunicativas. Nos *media* como nas outras áreas da vida social, desde sempre, mesmo antes dos tempos do *soft power*, é essencial conhecer o *outro*, a sua realidade, as suas características.

Escrevo estas linhas concludentes quando já decorre o Mundial de Futebol no Brasil. Não me centro no futebol propriamente dito, parte integrante da cultura lusófona e tão celebrado por tantos artistas e intelectuais do Brasil em especial. Refiro-me ao poder agregador e inclusivo deste acontecimento e que diariamente me deixa imensuravelmente surpreendido com a quantidade de lusofonia que de repente é possível respirar neste país tão distante. O número de vezes que ouço os chineses, que de modo geral não têm grande interesse por este desporto, falarem das equipas do Brasil, de Portugal, a discutirem as semelhanças do clima de algumas regiões do Brasil com algumas províncias da China, a abordarem o ambiente que se vive nos estádios de futebol, mas também o sentimento do povo brasileiro em relação a alguns despesismos e vicissitudes que estão muito para lá dos valores desportivos, vejo pessoas que dormiram pouco por passarem madrugadas de olhos postos no outro lado do mundo, ruas cheias de referências ao Brasil e ao futebol, os supermercados cheios de publicidade, jogadores e camisetas em tudo o que é produto, mas também a televisão que a toda a hora passa anúncios onde para divulgar produtos chineses se vislumbra lusofonia em locais emblemáticos, músicas em português, os ritmos e o modo de estar das gentes da cultura lusófona. É de facto entusiasmante e uma experiência bastante peculiar, poder assistir *in loco* ao poder de um evento desportivo que através dos *media* tem um alcance verdadeiramente abrangente, capaz de transportar uma cultura para todo o mundo. Este pode muito bem ser o mote ou o estímulo para que não se deixe esmorecer esta vaga e o mundo lusófono se instale de forma significativa e duradoura nos *media* chineses. Tal interação será deveras proveitosa para as relações entre a China e os povos da CPLP.

Conclusão

As tecnologias da comunicação são utilizadas pelos estudantes de português para explorarem os seus interesses sobre a cultura lusófona, gostos esses que não diferem muito dos jovens de outros lugares. Músicas, desporto e filmes despertam a curiosidade dos alunos para descobrir mais e aprofundar conhecimentos já adquiridos. Por outro lado, também existe uma procura pela história e literatura, além de que quase todos os participantes neste estudo utilizam aplicações para estudar e exercitar a parte linguística. Verifica-se assim que os *media* são utilizados tanto para objetivos mais recreativos como para fins mais práticos.

As redes sociais ocidentais mais famigeradas têm por norma um equivalente chinês o que nos diz que mesmo em culturas distintas os usuários possuem idênticos tipos de necessidades e atributos no mundo virtual. Sendo este um mercado significativo e em ascensão é necessário ter em conta estas e outras especificidades para chegar aos novos falantes de português na China, como compreender o perfil do tipo de público em causa, perceber que tipo de interesses tem e sobretudo saber que meios usa e dispõe para poder comunicar. Os alunos admitem que a presença do mundo lusófono é parca e esse é o melhor ponto de partida para resolver chegar até eles. Por exemplo, profissionais, empresas ou artistas têm através destes meios a oportunidade de publicitar e divulgar o seu trabalho; a nível didático há imenso espaço para desenvolver metodologias que utilizem os *media* e assim contribuir para aprimorar a qualidade do ensino de português na China; os próprios países lusófonos poderão veicular mais informação sobre si mesmos.

Os *media* representam actualmente uma das maiores montras que os países têm à sua mercê, pelo que neste caso concreto devem acompanhar o período ditoso que a língua portuguesa vive em território chinês e servir com afínco de meio transmissor de cultura nas suas várias vertentes. É indispensável uma análise prévia de diferentes factores e uma certa dose de risco, mas restam poucas dúvidas de que todos os intervenientes deste processo fariam a ganhar com essa presença e assiduidade.

Portugal deve usar o “soft power” da sua língua e cultura para desenvolver relações com o Brasil e com os países africanos de língua oficial portuguesa.⁷⁷

Há um notório sentido prático, um propósito definido de empregabilidade que pesa na decisão dos estudantes chineses optarem pelo português, a percepção de que ingressar nesta língua lhes pode abrir portas profissionalmente. O comércio, desde sempre, a pautar a interação entre estes dois mundos. É recorrente referir que Portugal é um dos países que há mais tempo mantém relações diplomáticas e comerciais com a China, sensivelmente 500 anos (o Presidente da República de Portugal também o salientou na sua última visita a este país). Contudo, é interessante constatar que, excepção feita à Região Administrativa Especial de Macau, até 2005 existiam na China continental apenas três universidades com cursos de licenciatura em português e que a partir desse ano começaram a criar-se vários cursos a uma média de quase três por ano, havendo actualmente perto de três dezenas de universidades que disponibilizam aos seus estudantes a oportunidade de estudar português. Apesar dos elos históricos esta recente e progressiva procura acontece num período em que Portugal não tem sido um país particularmente próspero. Tal facto não nos diz somente que há países lusófonos com um poder económico pujante e emergente cujas relações comerciais passam pela China, mas demonstra também o poder mobilizador e agregador de uma língua franca, capaz de representar um poderoso e proveitoso activo para os países que a têm como sua. É por esta razão em que a língua se revela uma mais-valia ou uma espécie de locomotiva que nunca é demais recomendar concertação e união em termos linguísticos e culturais entre os povos que a falam. É verdade que se têm movido sinergias no sentido de uma maior consonância por diversos meios e instituições da sociedade civil, das quais destaco neste momento a CPLP ou o Fórum Macau, numa perspectiva mais chinesa, mas prevalece sempre no ar o aroma a economia, a conveniência financeira, o que se compreende e é manifestamente positivo. O que defendo é que não se faça com que o poder que o mundo lusófono possui se reduza e se esgote apenas nos números das balanças comerciais. Tem de se trabalhar uma mentalidade lusófona e evitar desvios perniciosos. Fica sempre bem citar Bernardo Soares através de Pessoa e repetir vezes sem conta que a língua portuguesa é a “minha pátria”, mesmo que muitas vezes no meu

⁷⁷ S. NYE, Joseph, em Entrevista concedida a Mafalda de Avelar, Portugal Deve Usar o “Soft Power” da sua Língua e Cultura, *Económico*, Lisboa, 18 de Março de 2012, (http://economico.sapo.pt/noticias/portugal-deve-usar-o-soft-power-da-sua-lingua-e-cultura_140482.html

– acesso em 04/11/2013)

país não se queira consentir, aqui d’el-rei, que essa pátria afinal se estenda para lá dos Açores ou da Madeira e se forme por mais de meros 10 milhões de pessoas; é de bom tom celebrar Camões e os “mares nunca dantes navegados”, mesmo que amiúde não se conceba que a língua seja desde esses idos tempos instrumento de todos os que a falam na mesma exacta medida, independentemente de bandeiras, níveis sociais ou sequer instrução. Considero, francamente, que o que se falta cumprir não é Portugal, nem o Brasil, nem Angola, nem nenhum país em particular, mas é sim o espírito do espaço lusófono em que além das riquíssimas diferenças que temos, partilhamos os mesmos perenes elos comuns. A hora é de consciencializar, combater a ignorância, deixar desafectos para trás e aproveitar o actual advento económico para transmitir este espírito ao *outro*, onde quer que ele esteja, mas mais do que tudo a nós mesmos, de uma vez por todas, pela sua inestimável importância. É intraduzível o sentimento de estar a 13000 km de casa e mostrar de quantas tonalidades, de quantas canções, de quantos mares e dialectos se compõe a cultura da minha língua e é ainda mais indefinível sentir a admiração de um povo de 1,3 mil milhões de pessoas, em que 97% pertencem à mesma etnia, ao ver quantas gentes, espaços e contextos diferentes cabem numa língua só. Por isso é imperativo que nós, os que um dia tivemos o acaso de passar a pertencer a esta grande família lusófona sejamos os primeiros a sentir esta força e a consciência desta boa fortuna.

Junto ao quadro as salas desta universidade têm pequenas caixas de giz, de várias cores e feitios. Costumo dizer aos meus alunos, com uma pequena caixa de giz nas mãos, que se um dia, por alguma razão olvidarem todo o português que um dia souberam, não se esqueçam nunca da palavra... diversidade.

Bibliografia

- AA. VV. (2005), *A Língua Portuguesa: Presente e Futuro*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.
- ANTÓNIO, Néson Santos (2008), *Economia e Gestão Chinesas: Aspectos Fundamentais*. Edições Sílabo, Lisboa.
- BECARD, Danielly S. R. (2009). "Cooperação e Comércio entre Brasil e China durante o Governo Lula". In: OLIVEIRA, Henrique Altemani, *China e Índia na América Latina: Desafios e Perspectivas*. Juruá Editora, Curitiba, pp.163-192.
- BOUTIM, G.; HÉBERT-LESSARD, M.; GOYETTE, Gabriel (1994), *Investigação qualitativa; fundamentos e práticas*, Instituto Piaget, Lisboa.
- BUESCU, Maria Leonor Carvalhão (1984) *A Língua Portuguesa – Espaço de Comunicação*, Biblioteca Breve, Amadora.
- CALVET, Louis-Jean (1996), *Les Politiques Linguistiques*, Presses Universitaires de France, Paris.
- CANCLINI, Nestor Garcia (1999), *Consumidores e Cidadãos: Conflitos Multiculturais da Globalização*, UFRJ, Rio de Janeiro.
- CASTELEIRO, J. M. et al. (1988), *Nível Limiar*, Conseil de l'Europe, Estrasburgo, D. L. C. P., Instituto de Cultura e Língua Portuguesa (ICALP), Lisboa.
- CONSELHO da EUROPA (2001), *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas. Aprendizagem, Ensino, Avaliação*. (sigla: QECR), Edições Asa, Porto.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley (2002), *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, 17ª ed., Edições João Sá da Costa, Lisboa.
- CUNHA, Lílían Fernandes (2004). *Em Busca de um Modelo de Cooperação Sul-Sul - o Caso da Área Espacial nas Relações entre o Brasil e a República Popular da China (1980-2003)*, Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, Brasília.
- DYKE, Paul Van (2005), *The Canton Trade. Life and Enterprise on the China Coast, 1700-1845*, Hong Kong.
- DUPAS, Maria Angélica (1997), *Pesquisando e Normalizando: Noções Básicas e Recomendações Úteis para Elaboração de Trabalhos Científicos*, UFSCAR, São Carlos.
- ESPADINHA, Maria Antónia (2007), "Multiculturalidade e Ensino de Português". In MATA, Inocência e GROSSO, Maria José (ed.), *Pelas Oito Partidas da Língua Portuguesa, Homenagem a João Malaca Casteleiro*, Universidade de Macau, Macau.
- FILIPE, Mário (1999), "Macau e a Situação Futura da Língua Portuguesa ", *Revista Camões*, n.º 7 (Janeiro/Março), Instituto Camões, Lisboa.

- FILIPE, Mário (2006), *Promoção da Língua Portuguesa no Mundo: Hipótese de Modelo Estratégico*. Tese de Doutoramento em Estudos Portugueses, Universidade Aberta, Lisboa.
- FODDY, William (1996), *Como Perguntar: Teoria e Prática da Construção de Perguntas em Entrevistas e Questionários*, Celta Editora, Oeiras.
- GHIGLIONE, R.; MATALON, B., (2001 [1977]), *O Inquérito: Teoria e Prática*, 4ª Ed., Celta Editora, Oeiras.
- GIL COSTA, Fernanda (2011), “Multicultural ou Intercultural? Do Conflito à Descoberta da Diferença – A Língua como Ponte”, *Várias Viagens*, Colibri, Lisboa.
- GOLDBERG, David Theo (1997), *Multiculturalism – A Critical Reader*, Blackwell, Oxford.
- GROSSO, Maria José (1999), *O Discurso Metodológico do Ensino do Português em Macau a Falantes de Língua Materna Chinesa*, Tese de Doutoramento, Universidade de Lisboa, Lisboa.
- GROSSO, Maria José; CLETO, Ana Paula (2014), *O Português na China*, Lidel, Lisboa.
- HILL, M.; HILL A. (2000), *Investigação por Questionário*, Edições Sílabo, Lisboa.
- INSTITUTO INTERNACIONAL DE MACAU (2010), “Macau and the Economic Relations Between China and the Portuguese-Speaking Countries”, *Macao Focus*, Macau.
- MORAES, D. (org.), (2003), *Por uma Outra Comunicação: Mídia, Mundialização Cultural e Poder*, Record, Rio de Janeiro.
- JARNAGIN, Laura (ed.) Institute of Southeast Asian Studies, (2011), *Portuguese and Luso-Asian Legacies in Southeast Asia, 1511-2011, vol. 1: The Making of the Luso-Asian World: Intricacies of Engagement*, Singapura,
- JARNAGIN, Laura (ed.) Institute of Southeast Asian Studies, (2012), *Portuguese and Luso-Asian Legacies in Southeast Asia, 1511-2011, vol. 2: Culture and Identity in the Luso-Asian World: Tenacities & Plasticities*, Singapura.
- KURLANTZICK, J. (2007), *The Charm Offensive. How China's Soft Power Is Transforming the World*, Yale University Press, New Haven and London.
- MATA, Inocência (1997), “Contra o etnocentrismo, com amor: relato de uma (gratificante) experiência”. In: *África Hoje*, ano 13, nº 109.
- MATA, Inocência (2007), “O Ensino das Literaturas de Língua Portuguesa: Um Tempo Intercultural” In MATA, Inocência e GROSSO, Maria José (ed.), *Pelas Oito Partidas da Língua Portuguesa, Homenagem a João Malaca Casteleiro*, Universidade de Macau, Macau.

- MATIAS, J. C. (2010). “The Macau Forum: China’s Charm Offensive for Lusophone Countries”, in IPRI – *Lusophone Countries Bulletin*, Novembro, Macau.
- MENDONÇA, M. L. M. (Org.), (2010), *Mídia e Diversidade Cultural*, Casa das Musas, Brasília.
- MINGJING, L. (2008), “China debates Soft Power”, in *Chinese Journal of International Politics*, vol. 2, Beijing.
- MIRA MATEUS, M^a Helena (coord) (2002), *Uma Política de Língua para o Português*, Edições Colibri, Lisboa.
- MORBEY, J. (2006), *Macau, O Fórum de Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa e a Política Externa Chinesa*, Delta Edições, Macau.
- PEREIRA, Rui (2006), “A Nova Política da China em África”, *Relações Internacionais*, n.º 10.
- SEMPRINI, A. (1999). *Multiculturalismo*. Bauru, EDUSC, São Paulo.
- SOUSA, Maria José; BAPTISTA, Cristina Sales (2012) *Como Fazer Investigação, Dissertações, Teses e Relatórios - Segundo Bolonha*, 3^a Ed., Pactor, Edições Lidel, Lisboa.
- TAPADA, Filomena, BETTENCOURT, Mariana, e A. FERRONHA, António Luís, coord., (1992), *Os Portugueses e o Mar*, Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Lisboa.
- THOMPSON, Kenneth, (Ed.), (1997) *Media and Cultural Regulation*, The Open University, London.
- TRIGO, Virgínia (2006), *Cultura Económica Chinesa: Como Negociar na China?*, Edições Pedago, Mangualde.
- VASCONCELOS E SOUSA, Gonçalo de (1998) *Metodologia da Investigação, Redacção e Apresentação de Trabalhos Científicos*, Livraria Civilização Editora, Porto.
- ZHANG, B. (2010), “Chinese Foreign Policy in Transition: Trends and Implications” *Journal of Current Chinese Affairs* 2/2010, Beijing.

Webgrafia

AICEP (2013), *Ficha de Mercado - China*. Disponível em: <<http://www.revista.portugalglobal.pt/AICEP/Documentos/FMChina/>> Acesso em 12 de Outubro de 2013.

ALVES, A. (2008), *China's Lusophone Connection China*, in Africa Report nº. 2. Disponível em: <http://saiia.org.za/images/stories/pubs/chap/chap_rep_02_alves_200803.pdf> Acesso em 16 de Outubro de 2013.

BARBOSA, P. (2011), Entrevista a Manuel Amante da Rosa, *Investimentos Chineses São Motor em África*, Tribuna de Macau. Disponível em: <<http://www.jtm.com.mo/view.asp?dT=379503001>> Acesso em 16 de Outubro de 2013.

FÓRUM MACAU (2010), *Plano de Acção para a Cooperação Económica e Comercial da 3ª Conferência Ministerial do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (2010-2013)*. Disponível em: <<http://www.forumchinaplp.org.mo/pt/action.php>> Acesso em 22 de Setembro de 2013.

MACAUHUB (2009), *Macau: as Relações Económicas China-Países de Língua Portuguesa*. Disponível em: <http://macauihub.com.mo/pt/file/macau/Lusofonia_macau_1990-2009.pdf> Acesso em 25 de Setembro de 2013.

MACAUHUB (2013), *Delta do Rio das Pérolas*. Disponível em: <<http://www.macauihub.com.mo/pt/Delta-do-Rio-das-Perolas/>> Acesso em 25 de Setembro de 2013

OBSRVATÓRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA (2013), *A Língua Portuguesa no Mundo*, Disponível em: <<http://observatorio-lp.sapo.pt/pt/dados-estatisticos/projecao-e-uso>> Acesso em 22 de Setembro de 2013.

TAVARES, I. (2012), *Investimento, 2012 Vai Ser o Ano Chinês*, Jornal IOnline publicado em 05 de Janeiro de 2012. Disponível em: <<http://www.ionline.pt/dinheiro/investimento-2012-vai-ser-ano-chines>> Acesso em 16 de Outubro de 2013.

ANEXO

Questionário

IDENTIFICAÇÃO

- 1) Nome: _____
- 2) Idade: _____
- 3) Sexo: M () F ()
- 4) *Major*: _____

CONHECIMENTOS PRÉVIOS

- 5) Antes de escolher português pensou em estudar alguma outra língua estrangeira como *Minor*?

Sim () Qual? _____

Não ()

- 6) Por que motivos decidiu estudar português?

- 7) Que país(es) de língua oficial portuguesa conhecia antes deste ano lectivo?

- 8) O que conhecia do mundo lusófono antes de começar a estudar português?

- 9) Antes deste ano letivo sabia que o português é língua oficial na Região Administrativa Especial de Macau?

Sim (). Este facto teve influência na sua escolha? Sim () / Não () Não ()

- 10) Sabia das relações comerciais entre a China e os países lusófonos?

Sim () / Não ()

Se sim, que países? _____ Este factor fê-lo
querer aprender português? Sim () / Não ()

CULTURA E MEDIATISMO

11) Tem facilidade em obter informações sobre o mundo lusófono nos meios de comunicação social chineses?

Sim ()

Não ()

12) Quais são os seus meios preferidos para aceder ao mundo lusófono?

Televisão ()

Rádio ()

Imprensa escrita ()

Livros ()

Internet()

Outros () _____

13) O que costuma consultar sobre o mundo lusófono? Especifique.

Músicas e cantores() _____

Filmes () _____

Desporto () _____

Notícias () _____

Literatura() _____

História () _____

Outros () _____

14) As novas tecnologias são para si fundamentais para aceder ao mundo lusófono?

Sim ()

Não ()

15) O que acha da presença das culturas do mundo lusófono nos meios de comunicação sociais chineses?

Boa ()

Razoável ()

Pouca ()

Inexistente ()

16) Usa o telemóvel para consultar assuntos relacionados com o português?

Sim ()

Não ()

17) Utiliza algum *site* ou aplicação da *internet* para estudar e praticar português?

Sim () Qual ou quais? _____

Não () _____

18) Gostaria de visitar, estudar ou viver em algum dos países lusófonos?

Sim () Qual / Quais? _____

Não () _____

19) No futuro pensa usar a língua portuguesa a nível profissional?

Sim () Em que área? _____

Não () _____